

cartilha do bem sofrer

com lições de bem amar

arias de carvalho

poemas

leção sumaúma

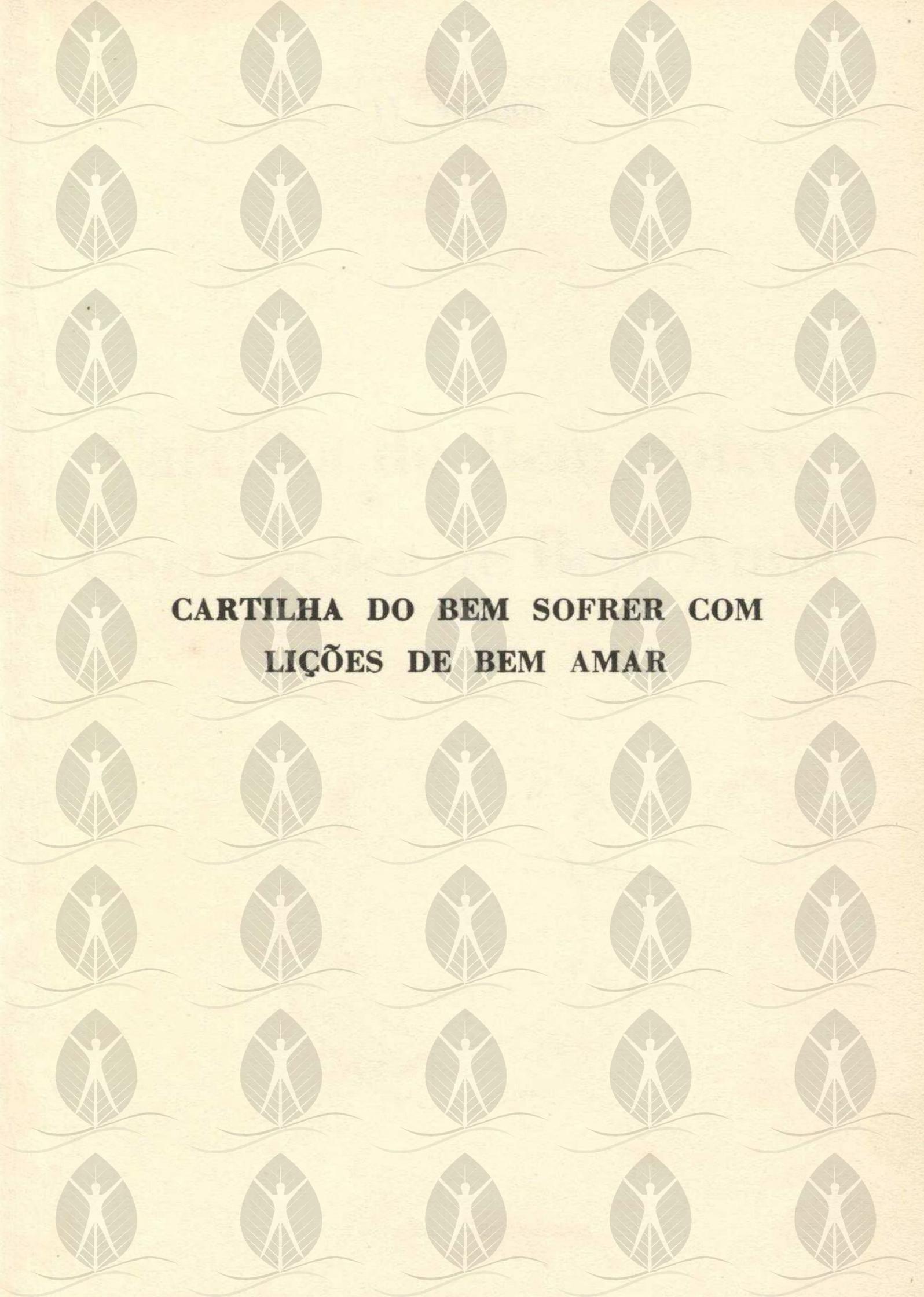
Ypiranga



Falar da poesia de Farias de Carvalho, requer, não só a mais ardente paixão, como também o mais severo equilíbrio.

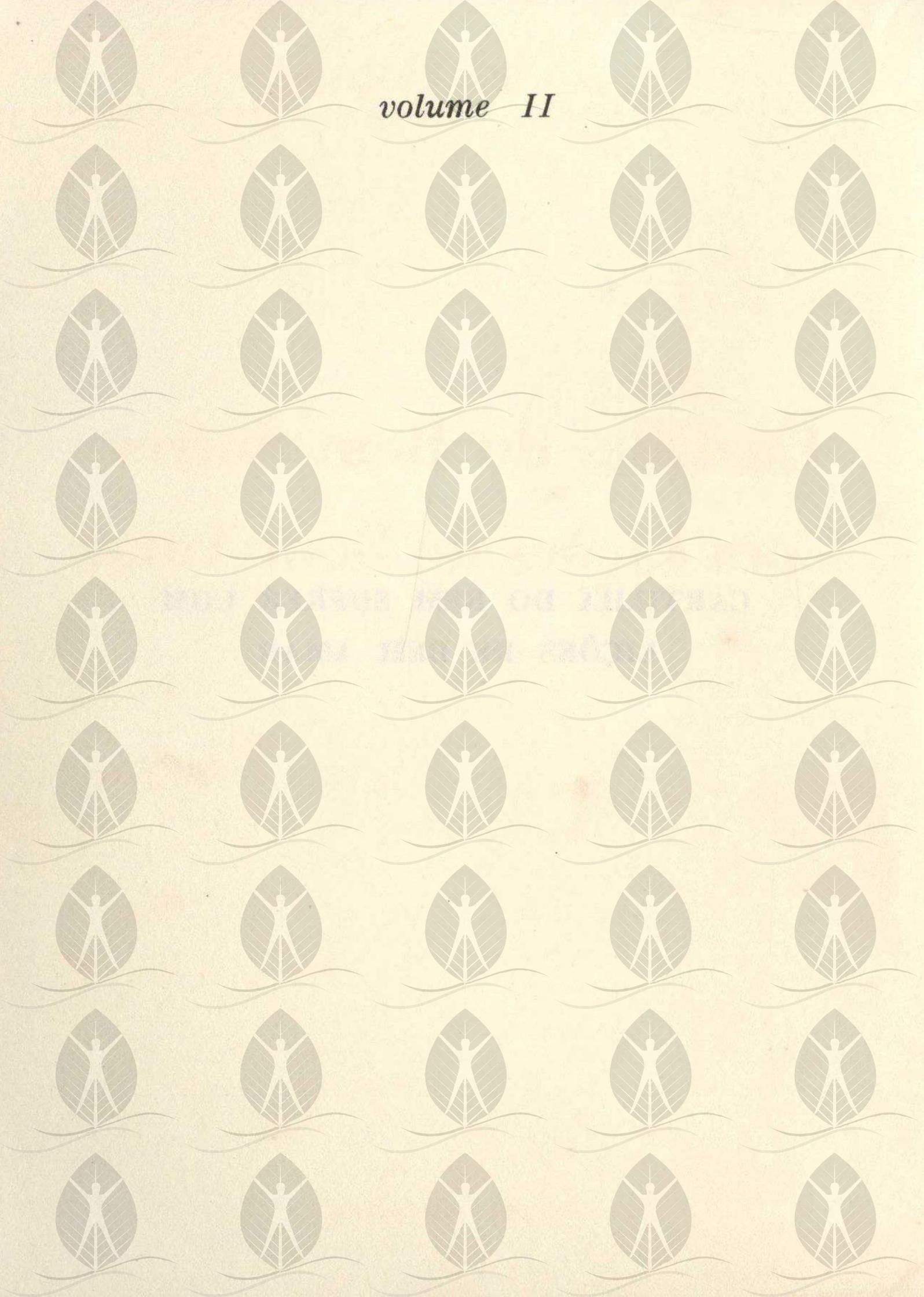
500-39592
- 24494 -

Esta poesia, tãda plena de vida, cheia do fogo sagrado das aras de Febo e dos inefáveis Mistérios de Dionisius Pater, exige um símbolo heráldico como as figuras centrais do escudo dos paladinos (e o poeta é um dêles) que, só por si, expresse todo o "sturm und drang", tãda a tempestade de revolta, todo o ímpeto de justiça social que lhe brota da alma de profeta e de mago desta deusa terrível que tanto impõe aos seus sacerdotes: a Poesia. E êste símbolo é o ão deus Ganesh, da Índia Védica; da grande mãe dos povos — o elefante asiático, — cuja delicadeza é capaz de colhêr os mais tenros brotos dos arbustos mais frágeis e de se deixar conduzir pela inocente mão de uma criança; mas, também, cuja fúria é capaz de devastar o centro denso da floresta tropical, arrancando na sua passagem os troncos mais robustos e assustando as mais temíveis feras carniceiras. Êste irmão de Neruda e Guillen, tem com ambos notável semelhança, tãdo de pessoa como de poesia, mas seu maior título de glória é o de ser amado pelo povo. Porque Farias de Carvalho, para os seus amigos e para os que tiveram a inelvidável comoção de vê-lo recitar os seus poemas é, por excelência, o Poeta. O poeta e o irmão. Assim, de pouco adiantaria falar de sua poesia sem falar de sua impressionante figura humana: esta serena implantação de força e de doçura, que lembra, como o Carvalho de seu nome, a vigorosa expressão do Balzac de Rodin. Nada, da alma humana, lhe é desconhecido. Conhece-lhe os mais íntimos reflexos as mais profun-



**CARTILHA DO BEM SOFRER COM
LIÇÕES DE BEM AMAR**

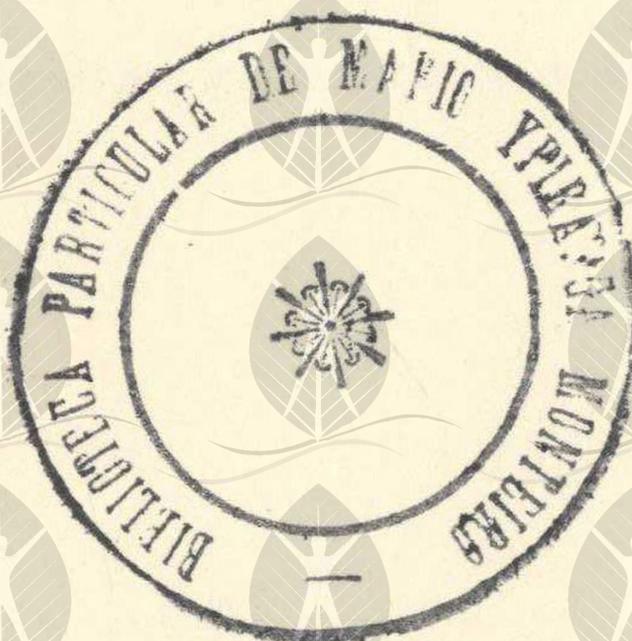
volume II



Farias de Carvalho

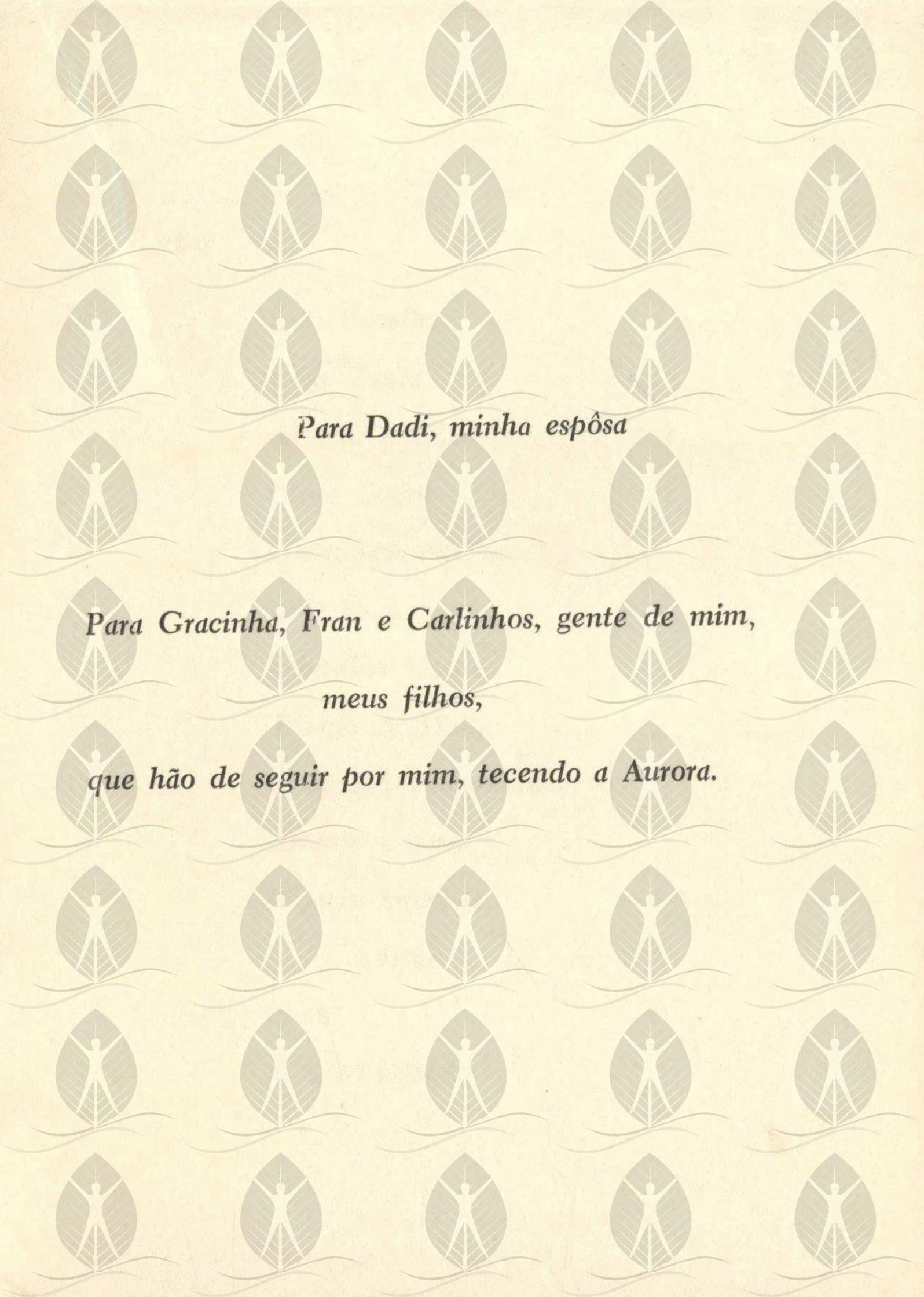
Cartilha do Bem Sofrer Com Lições de Bem Amar

poemas



Am. M.
38094
e3331c

Coleção Sumaúma



Para Dadi, minha espôsa

*Para Gracinha, Fran e Carlinhos, gente de mim,
meus filhos,*

que hão de seguir por mim, tecendo a Aurora.

para

Luiz Bacellar

Jorge Tufic

Alencar e Silva

Elson Farias

Guimarães de Paula

Luiz Ruas

Sebastião Norões

Thiago de Mello

Francisco Vasconcelos

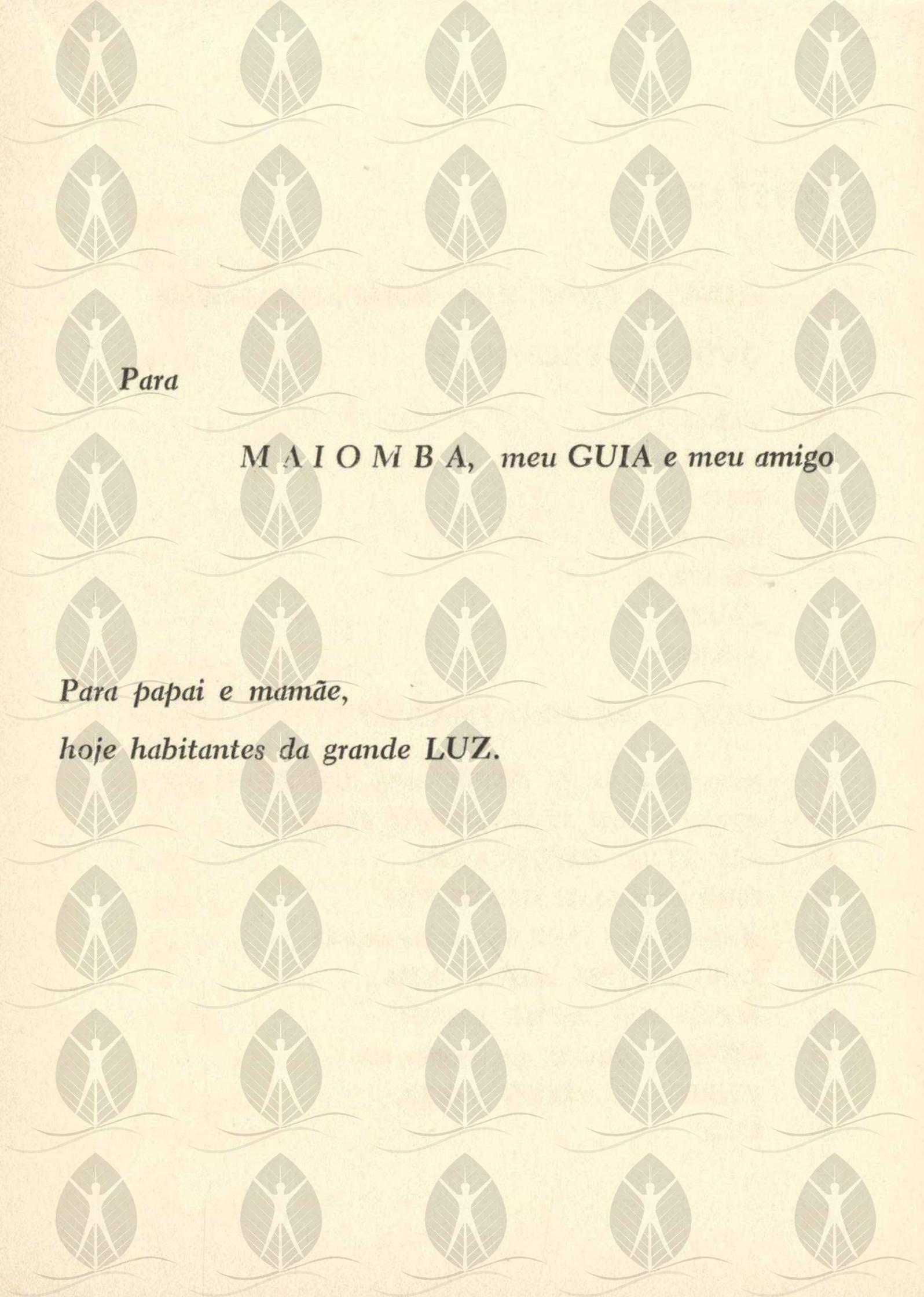
Afrânio Castro

Moacir Andrade,

irmãos

meus

e da MANHÃ.



Para

MAIOMBA, meu GUIA e meu amigo

Para papai e mamãe,

hoje habitantes da grande LUZ.

Índice

NOTURNO, QUASE CANÇÃO, QUASE COMEÇO DE INVERNO 15

CANTIGAS DE POVO

VELÓRIO 21

A NOVENA 25

A PESCA 29

O AJURI 33

O MERCADO 35

O ENGRAXATE 37

A FARINHADA 39

OS CANTARES DA TARDE

TOCATA E FUGA VESPERAL EM LÁ mento maior 45

SONATA VESPERAL EM RÉ fugio e saudade 47

TOCATA VESPERAL EM SOL idão 49

SUÍTE VESPERAL EM LÁ mento MAIOR 51

Sinfonia de Azul em DÓ SI lúnio e SOLidão 53

APÊLO VESPERAL, UM TANTO POEMA 55

OVERTURE VESPERAL PARA BOLINHA 57

Ata vesperal em RÉ belde ESPERANÇA 59

RECEITA VESPERAL DE ALVENARIA 61

OCASO 63

OS MISTÉRIOS DOLOROSOS

| | |
|---------------------------|----|
| primeiro mistério A VIDA | 67 |
| segundo mistério O TRIGO | 69 |
| terceiro mistério O SONHO | 71 |
| quarto mistério O AMOR | 73 |
| quinto mistério A MORTE | 75 |

ANTEMANHÃ

| | |
|--|-----|
| POEMA N.º 1 DEPOIS DA MILÉSIMA NOITE | 79 |
| MEU CANTO NÔVO | 83 |
| ADENDA N.º 1 AOS ESTATUTOS DO HOMEM | 87 |
| SONETO ALÉM DA BRISA | 91 |
| PRESENÇA | 93 |
| CANTO AO POETA QUE MEUS OLHOS NÃO VIAM | 95 |
| SONETOS DA AMARGA FÉ | 97 |
| CANTATA DE ALÉM DO ALÉM | 99 |
| OFÍCIO | 101 |
| ROTEIRO | 103 |
| ACALANTO | 105 |
| VIGÍLIA | 107 |
| MOMENTO | 109 |
| VERÃO | 111 |
| AURORA | 113 |
| ONANISMO | 115 |
| AO IRMÃO AGOSTINHO CABALLERO MARTIN, NO SEU REGRESSO | 117 |
| BALADA, QUASE ACALANTO, PARA CINDY, MEU CÃO | 119 |
| POEMA PROFÉTICO | 121 |

**NOTURNO, QUASE CANÇÃO, QUASE COMEÇO
DE INVERNO**

Para DADI, minha espôsa

Pois é, amor, até que não sentimos
êsse tempo que o tempo andou gastando em nós...
olho-te à mesa, as brancas mãos pousando como
[pássaros,
servindo a vida nossa de cada dia,
afagando as crianças, ou ralhando agitada
pela sublime desordem de nós todos,
pela adorável incivilidade com que nos portamos
e descubro afinal que não consigo
ter outra imagem tua que não esta,
como se tudo, antes que nós fôssemos,
já fôsse em nós;
a casa, a mesa, a roupa pelo arame,
os meninos saindo para a escola
e tu, em tudo, em cada canto ou sala,
tu, imagem, presença, gesto, fala,
como se tudo fôra sempre assim,

sem nenhum ontem, apenas êste hoje,
nós dois, nós cinco, nos amando, brigando,
sem nenhuma noção de tempo algum passando,
olho-te,

e não consigo lembrar-me sem ti,
como se houvera vindo para a vida
como sou, e te encontrado a ti, como és,
assim, mãe dos meus filhos e minha,
já com os cabelos brincando de inverno
inaugurando os primeiros luares;

olho-te,

e redescubro a cada vez,
êste gôsto de eterno nos teus olhos,
esta certeza plena de ser nada,
nada ter sido antes, sem a bússola
que clareia horizontes no teu riso.

Repara, amor, como os velhos abismos
queimaram ao simples toque dos teus dedos...

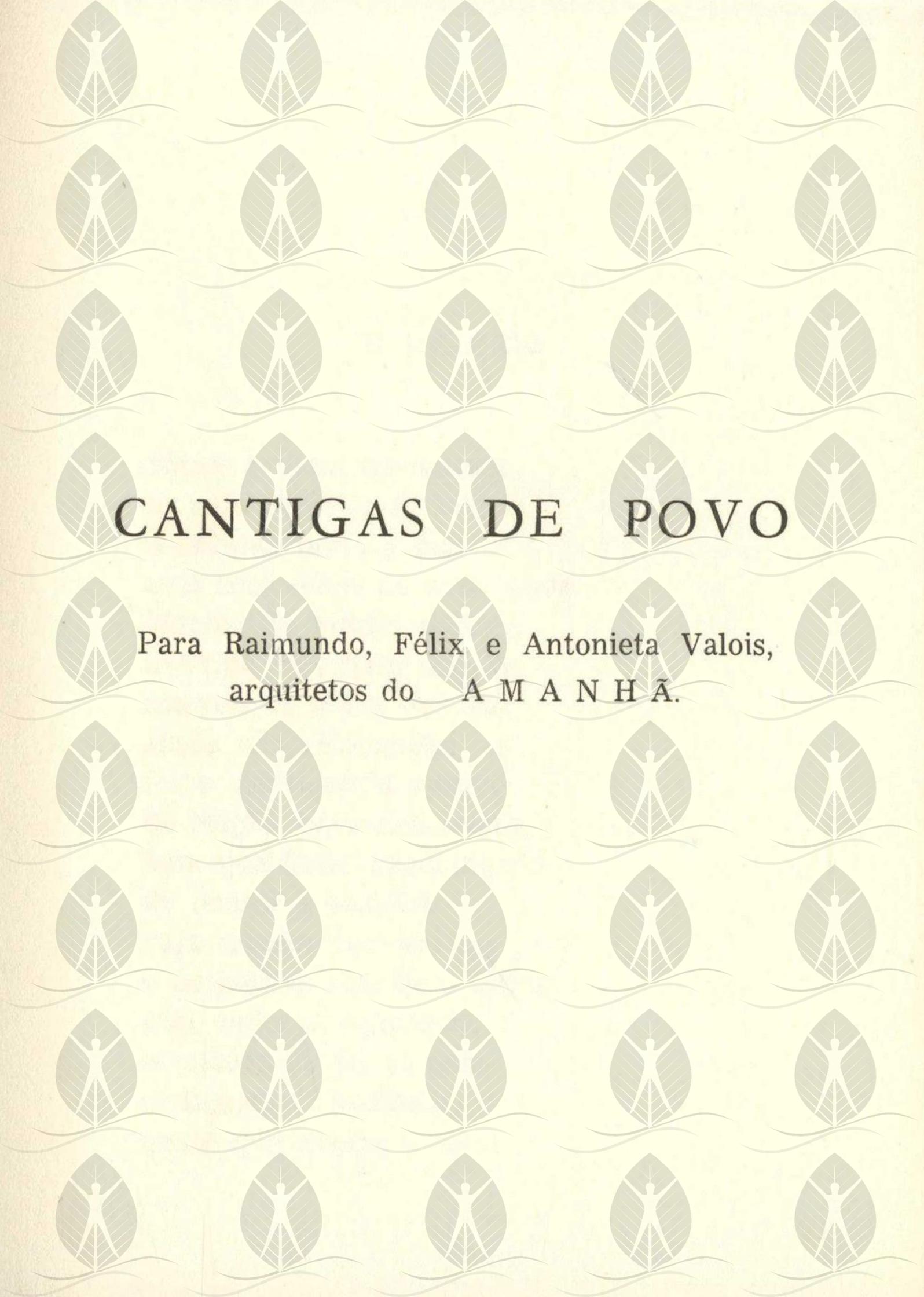
Ouve :

o velho ar do nosso chão de acácias
urdido em plena luz para a alquimia
do nosso outono tecido de crepúsculos...

Um dia,

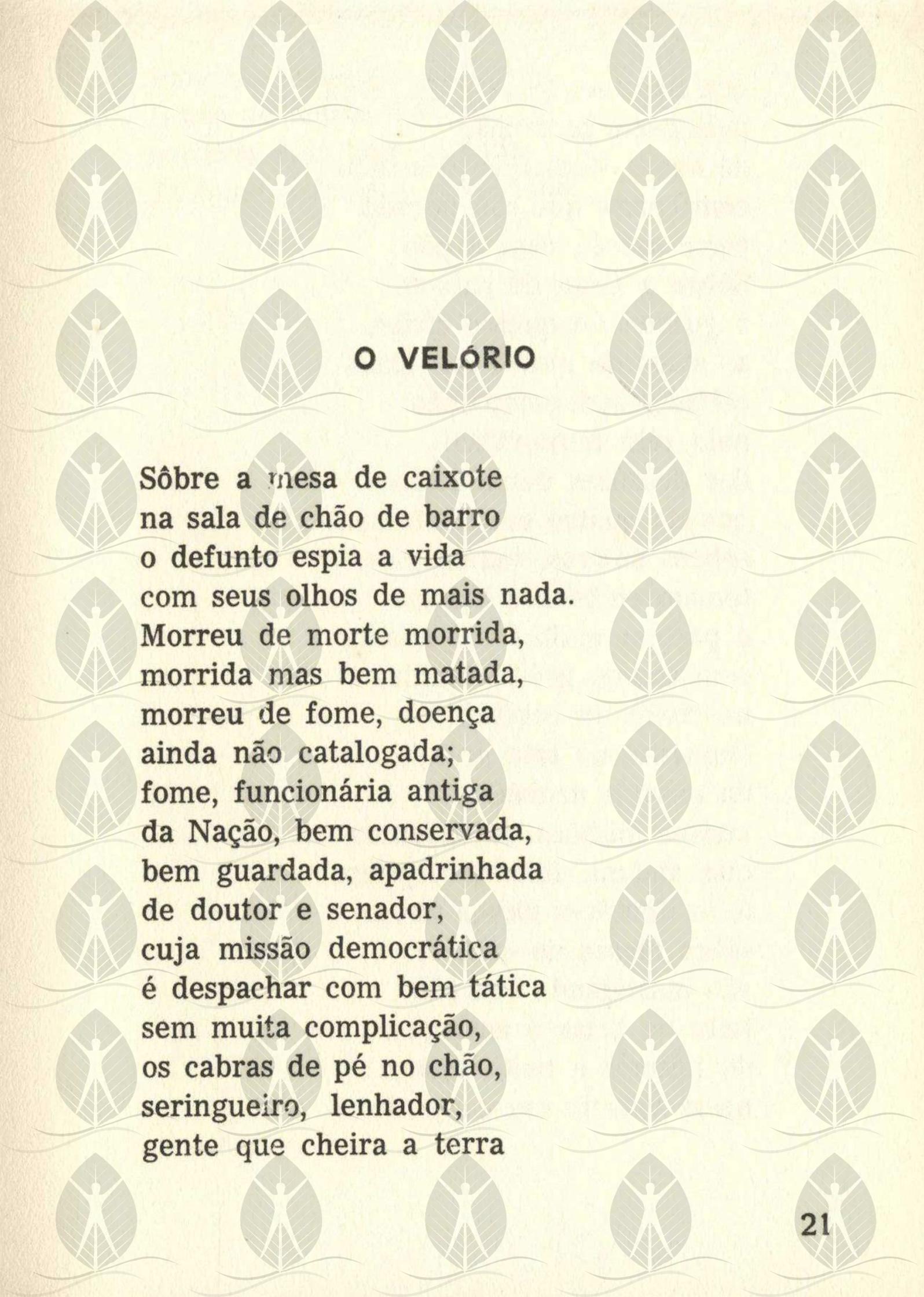
as crianças irão (como vão para a escola,
como um dia qualquer)
para as aulas da vida,

armados da ternura dêsse amor profundo
urdir os seus amôres e construir seus mundos;
Nós dois,
como flôres de sons, guardaremos seus risos,
e embalaremos,
à sombra das orquídeas derradeiras,
nossa morna saudade em pó de sono,
tintos os dois do ouro dos ocasos
até que, de repente,
mansamente,
grave clarão, a grande luz nos trague
e novamente,
pássaros,
ventos,
geografia serena de lembranças,
reintegremo-nos ao sôpro da Verdade
e passemos a arder, como cedros antigos,
nas lareiras serenas da saudade...



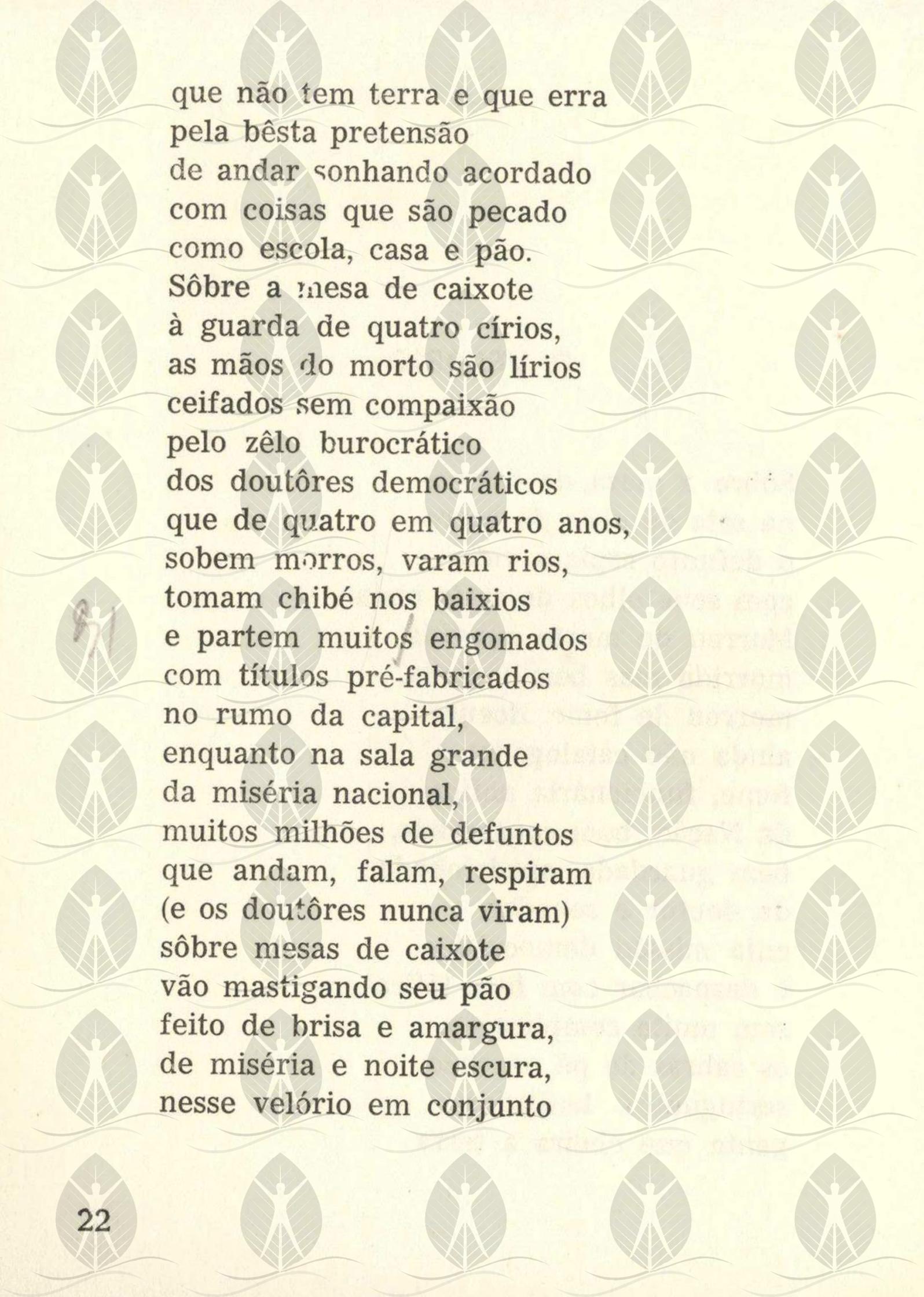
CANTIGAS DE POVO

Para Raimundo, Félix e Antonieta Valois,
arquitetos do A M A N H Ã.



O VELÓRIO

Sôbre a mesa de caixote
na sala de chão de barro
o defunto espia a vida
com seus olhos de mais nada.
Morreu de morte morrida,
morrida mas bem matada,
morreu de fome, doença
ainda não catalogada;
fome, funcionária antiga
da Nação, bem conservada,
bem guardada, apadrinhada
de doutor e senador,
cuja missão democrática
é despachar com bem tática
sem muita complicação,
os cabras de pé no chão,
seringueiro, lenhador,
gente que cheira a terra



que não tem terra e que erra
pela bêsta pretensão
de andar sonhando acordado
com coisas que são pecado
como escola, casa e pão.
Sôbre a mesa de caixote
à guarda de quatro círios,
as mãos do morto são lírios
ceifados sem compaixão
pelo zêlo burocrático
dos doutôres democráticos
que de quatro em quatro anos,
sobem morros, varam rios,
tomam chibé nos baixios
e partem muitos engomados
com títulos pré-fabricados
no rumo da capital,
enquanto na sala grande
da miséria nacional,
muitos milhões de defuntos
que andam, falam, respiram
(e os doutôres nunca viram)
sôbre mesas de caixote
vão mastigando seu pão
feito de brisa e amargura,
de miséria e noite escura,
nesse velório em conjunto

onde um povo é o defunto
morto de morte morrida,
morrida mas bem matada
de fome e fome e mais nada.

A NOVENA

No chão de barro batido
o joelho ressequido
risca esperanças no chão;
Nossa Senhora das Graças
Nossa Senhora das Dores
fazei com que êsses doutôres
se lembrem do nosso pão.

O padrinho (puxa-reza) :

Fazei com que êsses doutôres
que falam tanto de amôres
olhem bem nossos horrores
e tenham mais compaixão.

Côro :

Fazei com que êsses doutôres
se lembrem do nosso pão

O padrinho :

Meu Jesus crucificado

vós fostes Deus, nós sabemos,
mas nós aqui, não podemos
carregar mais no costado,
essa cruz de fome e horrores
que nos impingem os doutôres
da grandeza nacional,
somos gente e não fizemos
nenhum crime, nenhum mal,
por isso não merecemos
tamanha perseguição.

Côro :

Fazei com que êsses doutôres
se lembrem do nosso pão.

O padrinho :

Senhor Deus dos desgraçados
Deus do poeta baiano
Livrai-nos do desengano
dessa vida de aflição;
somos gente, não comemos,
o céu é o teto que temos
nessa longa caminhada
ao longo da mesma estrada
de miséria e escravidão.

Côro :

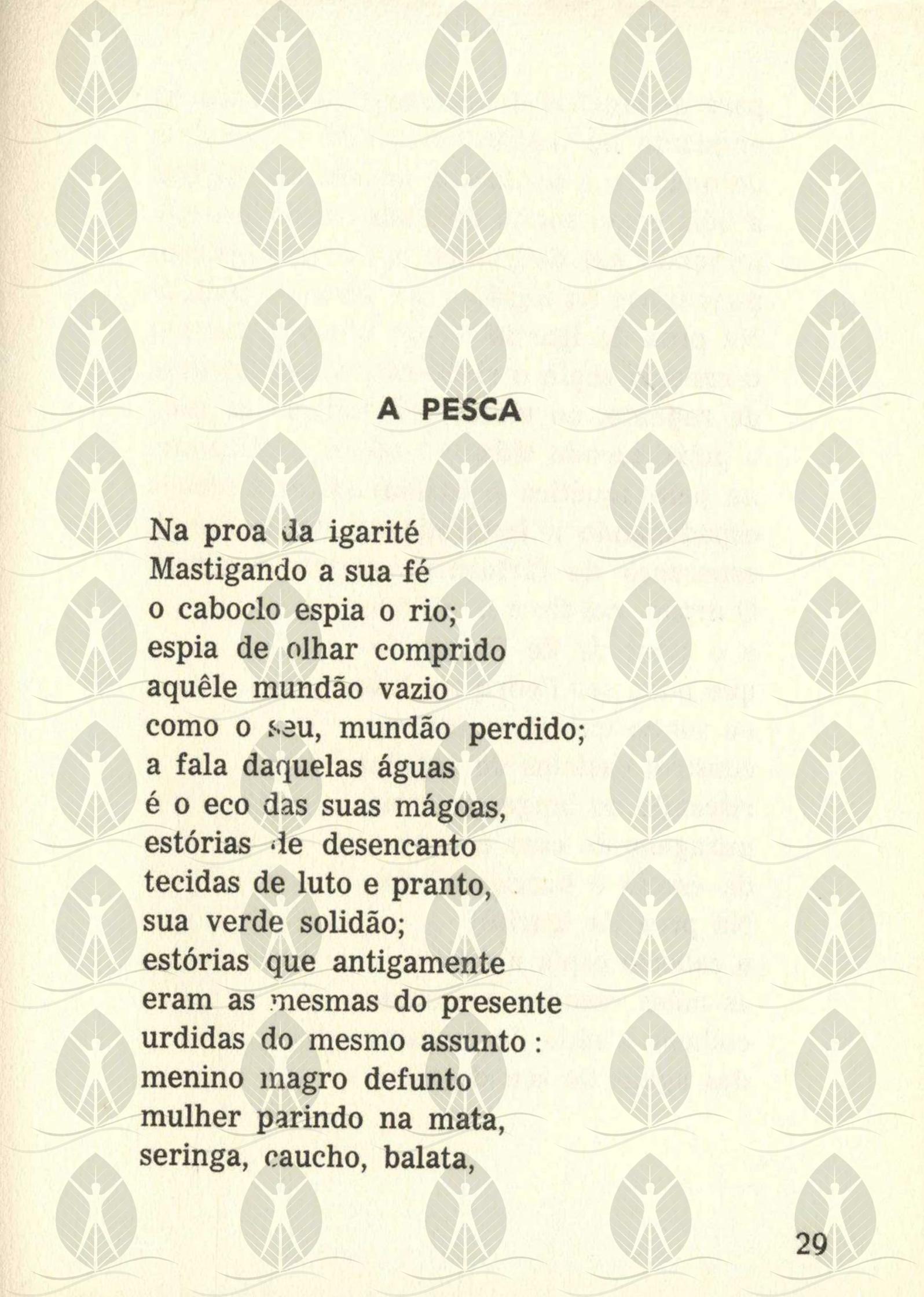
Fazei com que êsses doutôres
se lembrem do nosso pão.

O padrinho :

São José, São Benedito
que fôstes negro na terra
São Jorge que andais na guerra
contra o pecado e também
contra a fome e a exploração;
São Cosme, São Damião
que andais de dupla no espaço,
não somos nenhum cangaço
queremos é o vosso abraço
para êste apêlo de irmão,
somos gente e não comemos
e há muito que só vivemos
de promessa e falação.

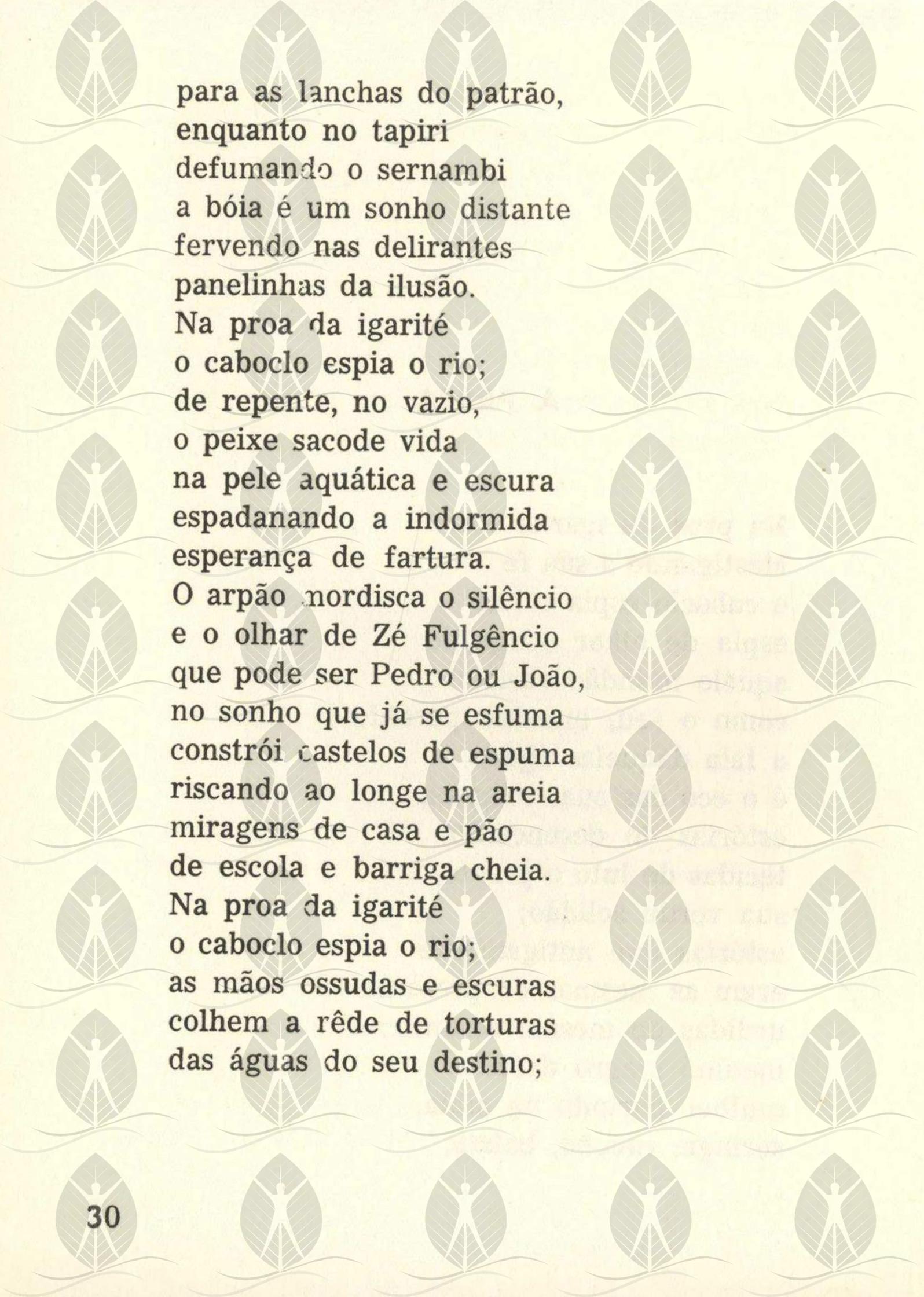
Côro :

Fazei com que êsses doutôres
se lembrem do nosso pão.



A PESCA

Na proa da igarité
Mastigando a sua fé
o caboclo espia o rio;
espia de olhar comprido
aquêlê mundão vazio
como o seu, mundão perdido;
a fala daquelas águas
é o eco das suas mágoas,
estórias de desencanto
tecidas de luto e pranto,
sua verde solidão;
estórias que antigamente
eram as mesmas do presente
urdidas do mesmo assunto:
menino magro defunto
mulher parindo na mata,
seringa, caucho, balata,

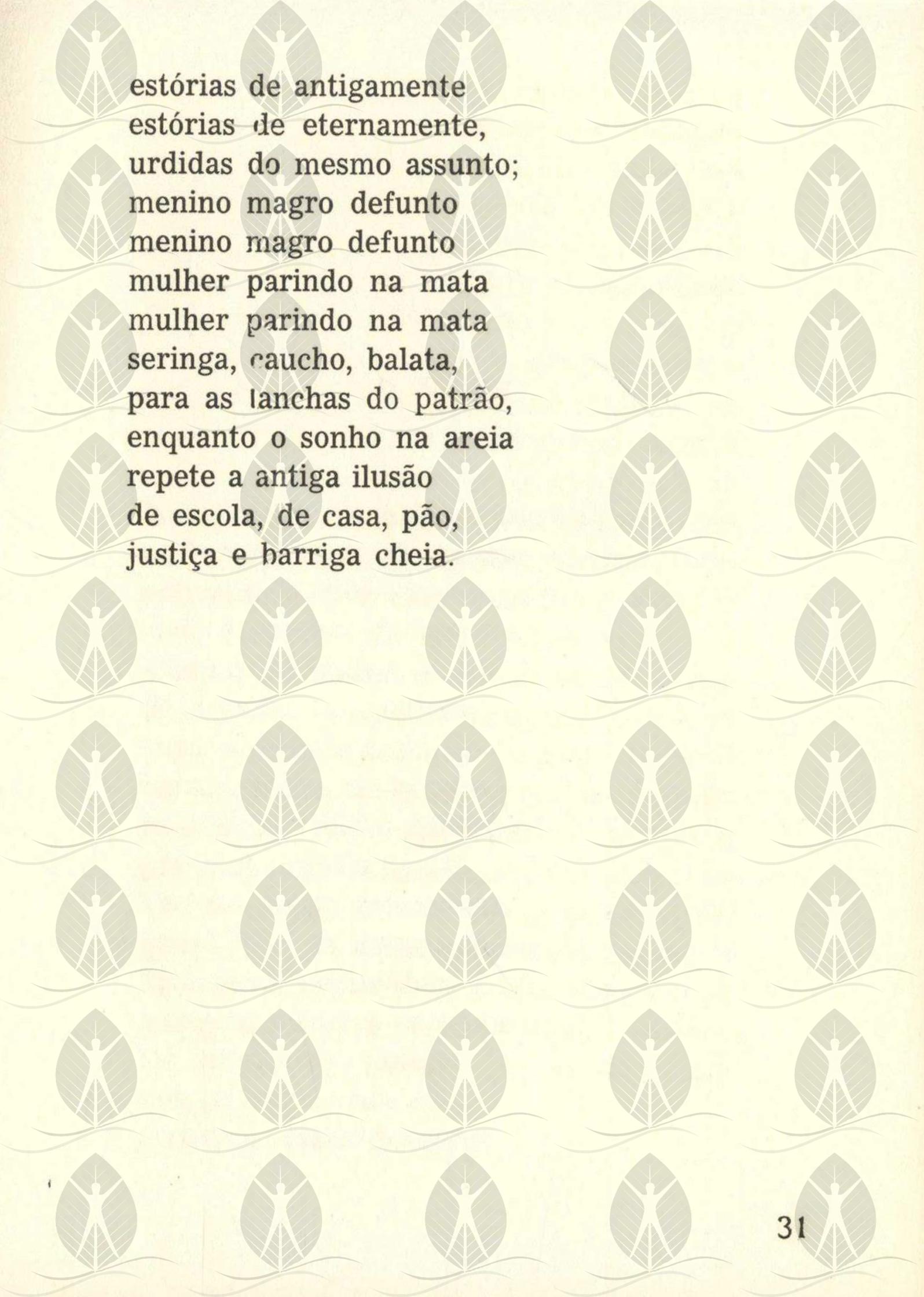


para as lanchas do patrão,
enquanto no tapiri
defumando o sernambi
a bóia é um sonho distante
fervendo nas delirantes
panelinhas da ilusão.

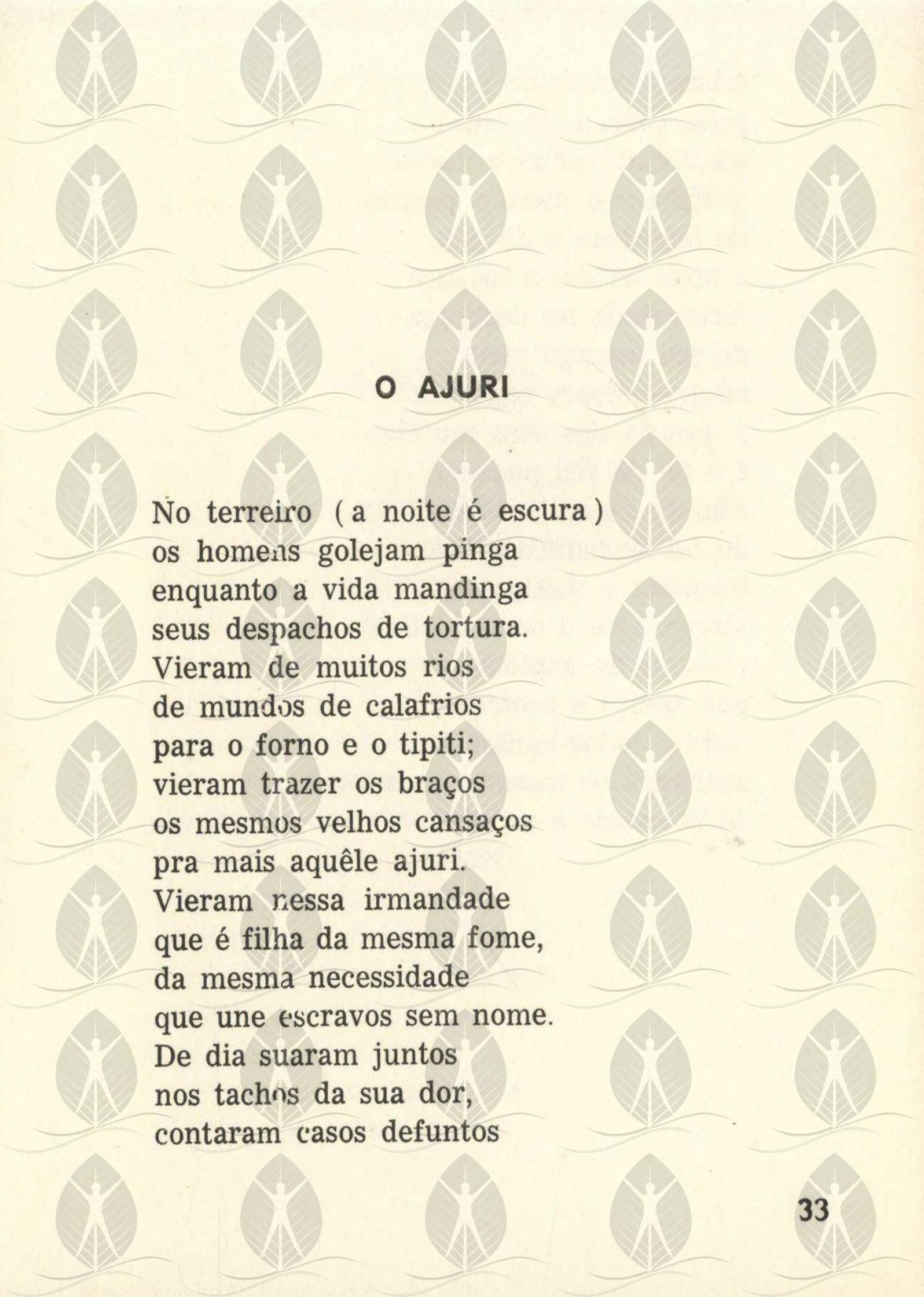
Na proa da igarité
o caboclo espia o rio;
de repente, no vazio,
o peixe sacode vida
na pele aquática e escura
espadanando a indormida
esperança de fartura.

O arpão mordisca o silêncio
e o olhar de Zé Fulgêncio
que pode ser Pedro ou João,
no sonho que já se esfuma
constrói castelos de espuma
riscando ao longe na areia
miragens de casa e pão
de escola e barriga cheia.

Na proa da igarité
o caboclo espia o rio;
as mãos ossudas e escuras
colhem a rêde de torturas
das águas do seu destino;

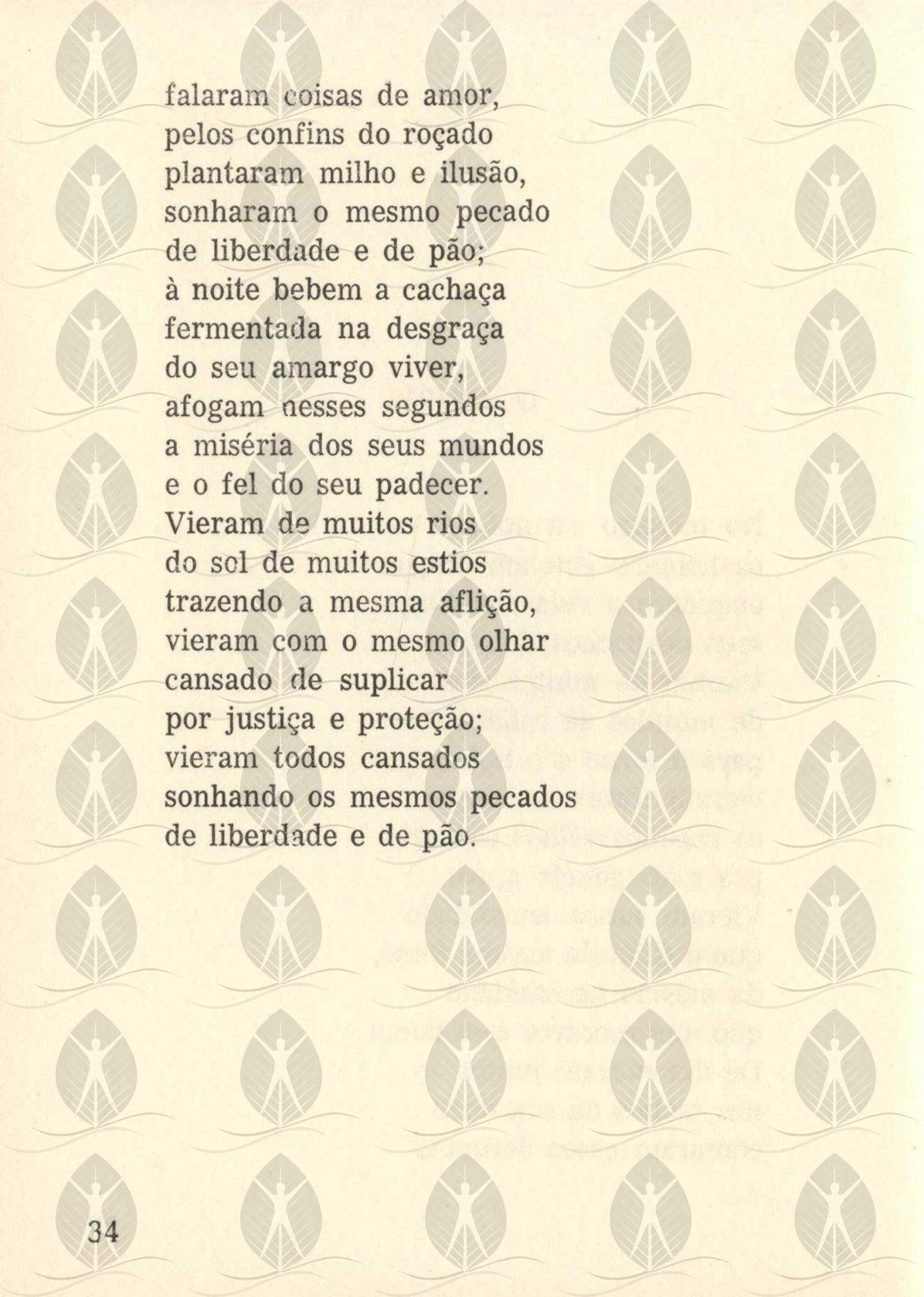


estórias de antigamente
estórias de eternamente,
urdidas do mesmo assunto;
menino magro defunto
menino magro defunto
mulher parindo na mata
mulher parindo na mata
seringa, caucho, balata,
para as lanchas do patrão,
enquanto o sonho na areia
repete a antiga ilusão
de escola, de casa, pão,
justiça e barriga cheia.

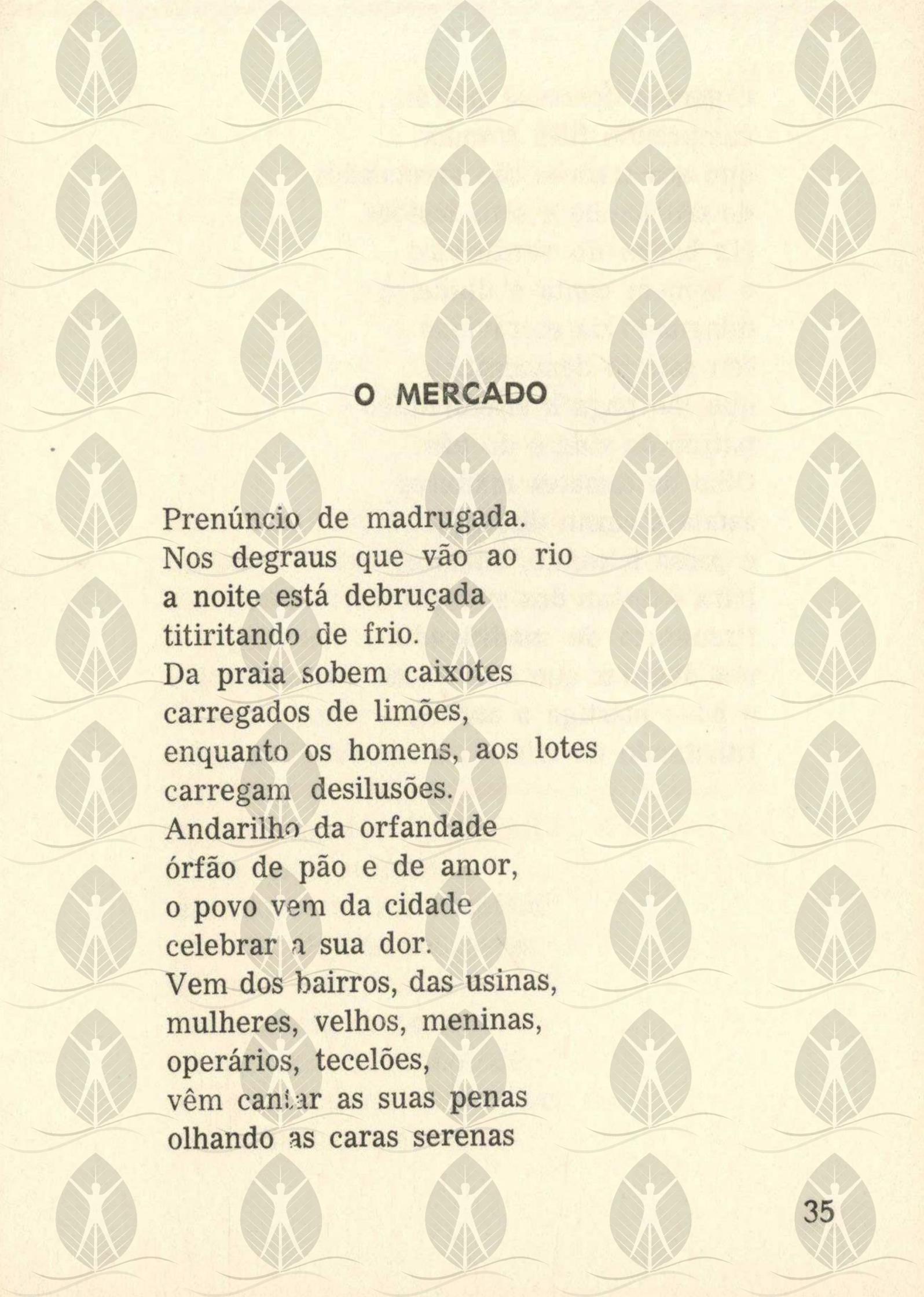


O AJURI

No terreiro (a noite é escura)
os homens golejam pinga
enquanto a vida mandinga
seus despachos de tortura.
Vieram de muitos rios
de mundos de calafrios
para o forno e o tipiti;
vieram trazer os braços
os mesmos velhos cansaços
pra mais aquêlê ajuri.
Vieram nessa irmandade
que é filha da mesma fome,
da mesma necessidade
que une escravos sem nome.
De dia suaram juntos
nos tachos da sua dor,
contaram casos defuntos

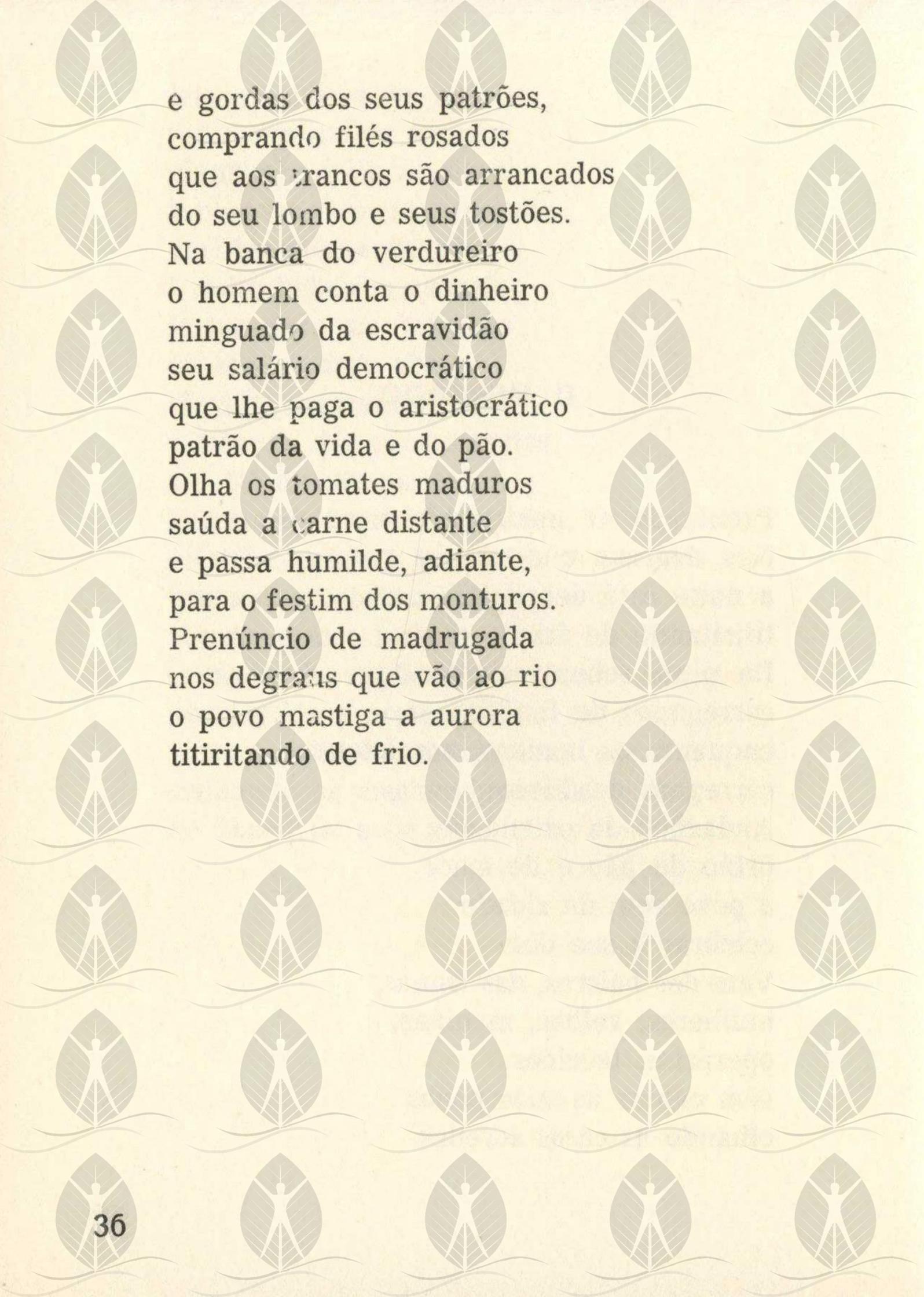


falaram coisas de amor,
pelos confins do roçado
plantaram milho e ilusão,
sonharam o mesmo pecado
de liberdade e de pão;
à noite bebem a cachaça
fermentada na desgraça
do seu amargo viver,
afogam nesses segundos
a miséria dos seus mundos
e o fel do seu padecer.
Vieram de muitos rios
do sol de muitos estios
trazendo a mesma aflição,
vieram com o mesmo olhar
cansado de suplicar
por justiça e proteção;
vieram todos cansados
sonhando os mesmos pecados
de liberdade e de pão.

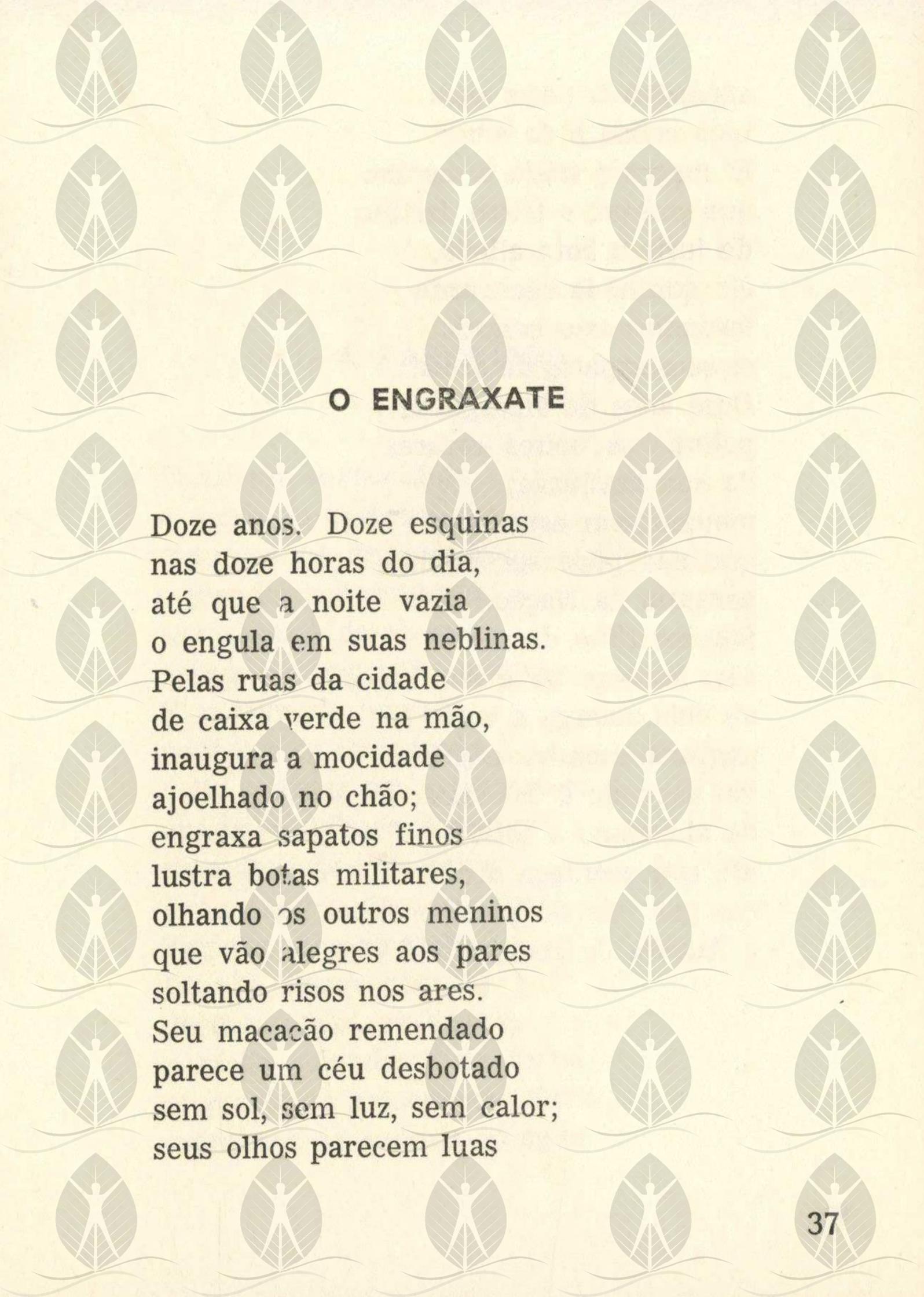


O MERCADO

Prenúncio de madrugada.
Nos degraus que vão ao rio
a noite está debruçada
titiritando de frio.
Da praia sobem caixotes
carregados de limões,
enquanto os homens, aos lotes
carregam desilusões.
Andarilho da orfandade
órfão de pão e de amor,
o povo vem da cidade
celebrar a sua dor.
Vem dos bairros, das usinas,
mulheres, velhos, meninas,
operários, tecelões,
vêm cantar as suas penas
olhando as caras serenas

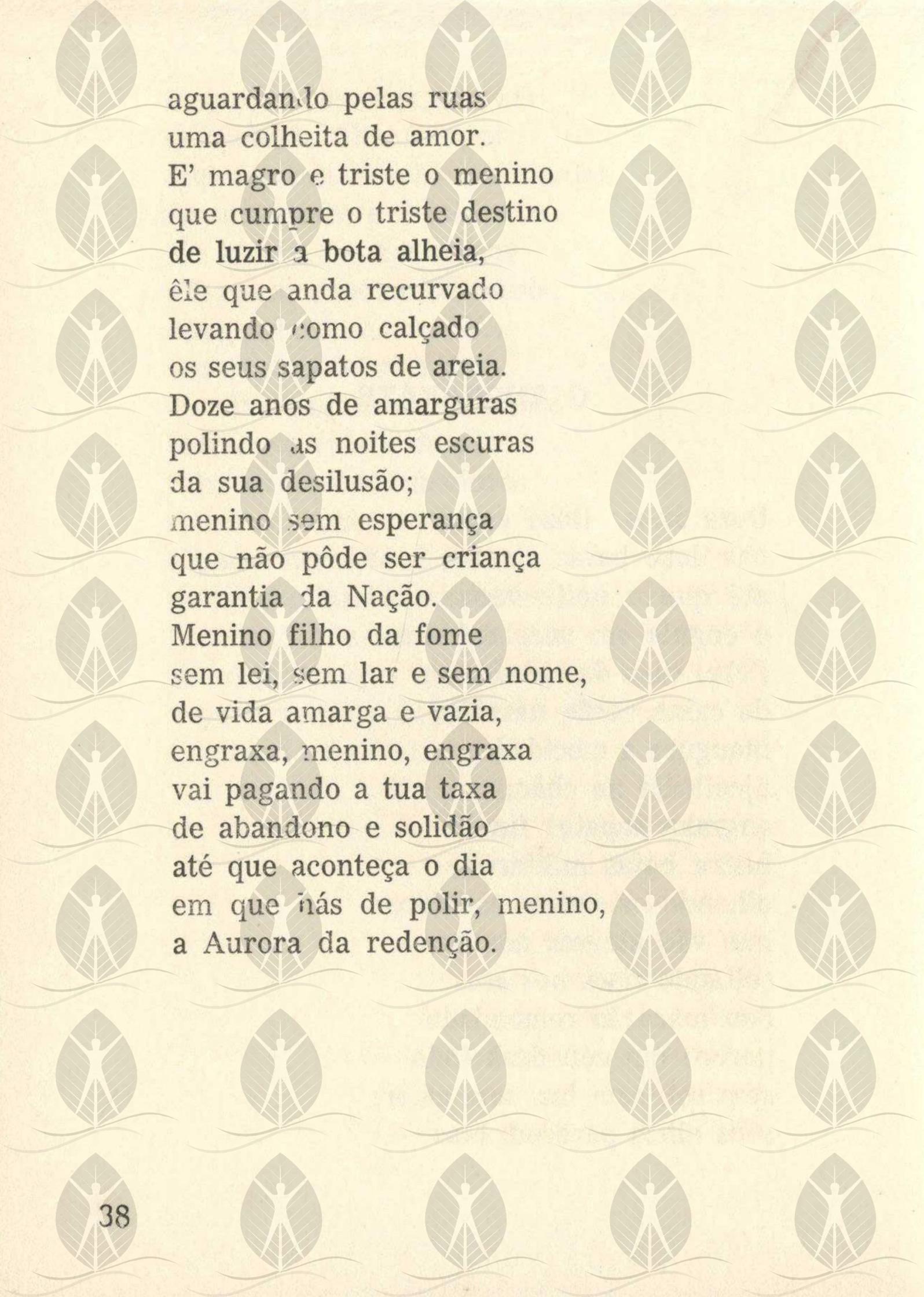


e gordas dos seus patrões,
comprando filés rosados
que aos brancos são arrancados
do seu lombo e seus tostões.
Na banca do verdureiro
o homem conta o dinheiro
minguado da escravidão
seu salário democrático
que lhe paga o aristocrático
patrão da vida e do pão.
Olha os tomates maduros
saúda a carne distante
e passa humilde, adiante,
para o festim dos monturos.
Prenúncio de madrugada
nos degraus que vão ao rio
o povo mastiga a aurora
titiritando de frio.

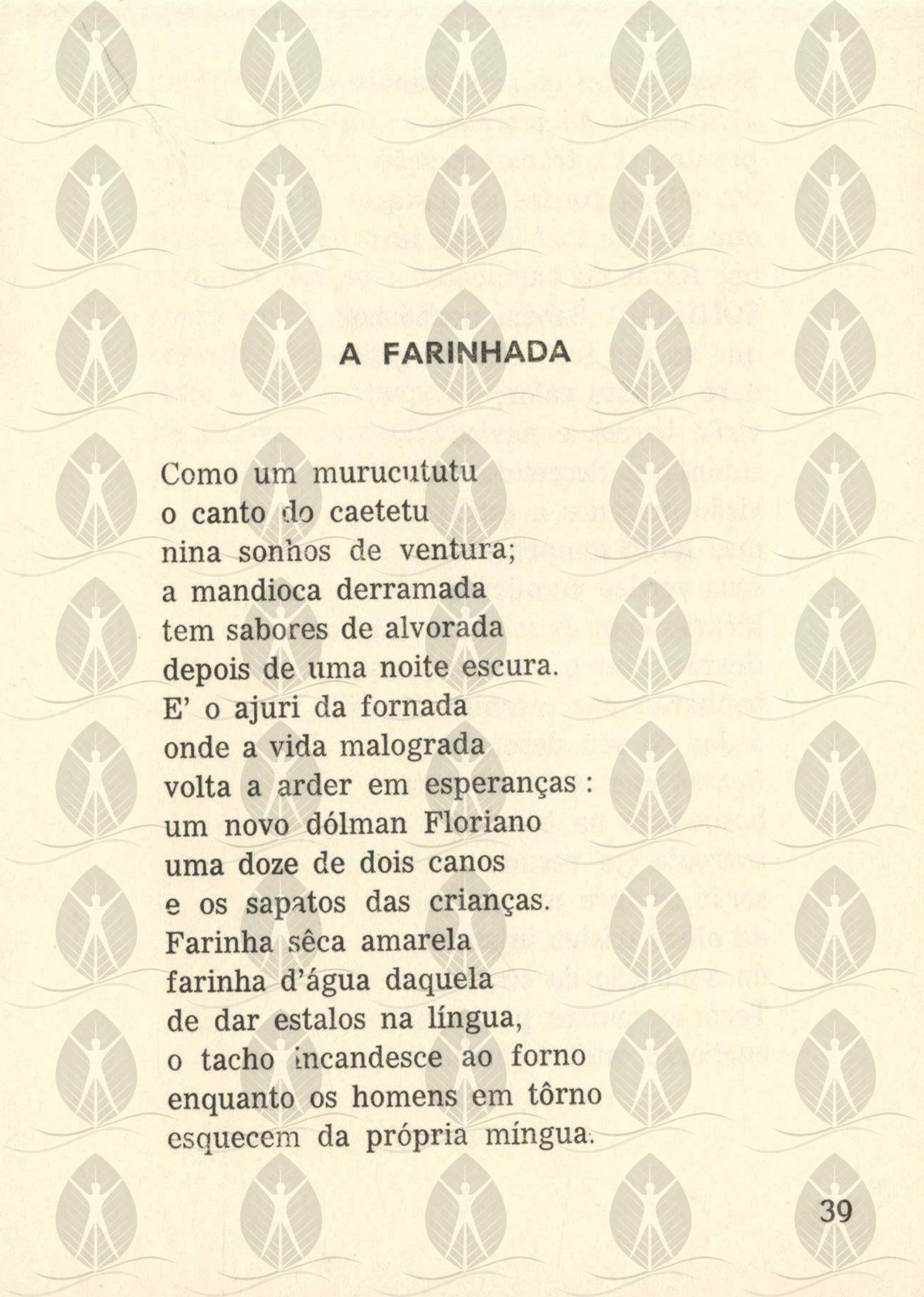


O ENGRAXATE

Doze anos. Doze esquinas
nas doze horas do dia,
até que a noite vazia
o engula em suas neblinas.
Pelas ruas da cidade
de caixa verde na mão,
inaugura a mocidade
ajoelhado no chão;
engraxa sapatos finos
lustra botas militares,
olhando os outros meninos
que vão alegres aos pares
soltando risos nos ares.
Seu macacão remendado
parece um céu desbotado
sem sol, sem luz, sem calor;
seus olhos parecem luas

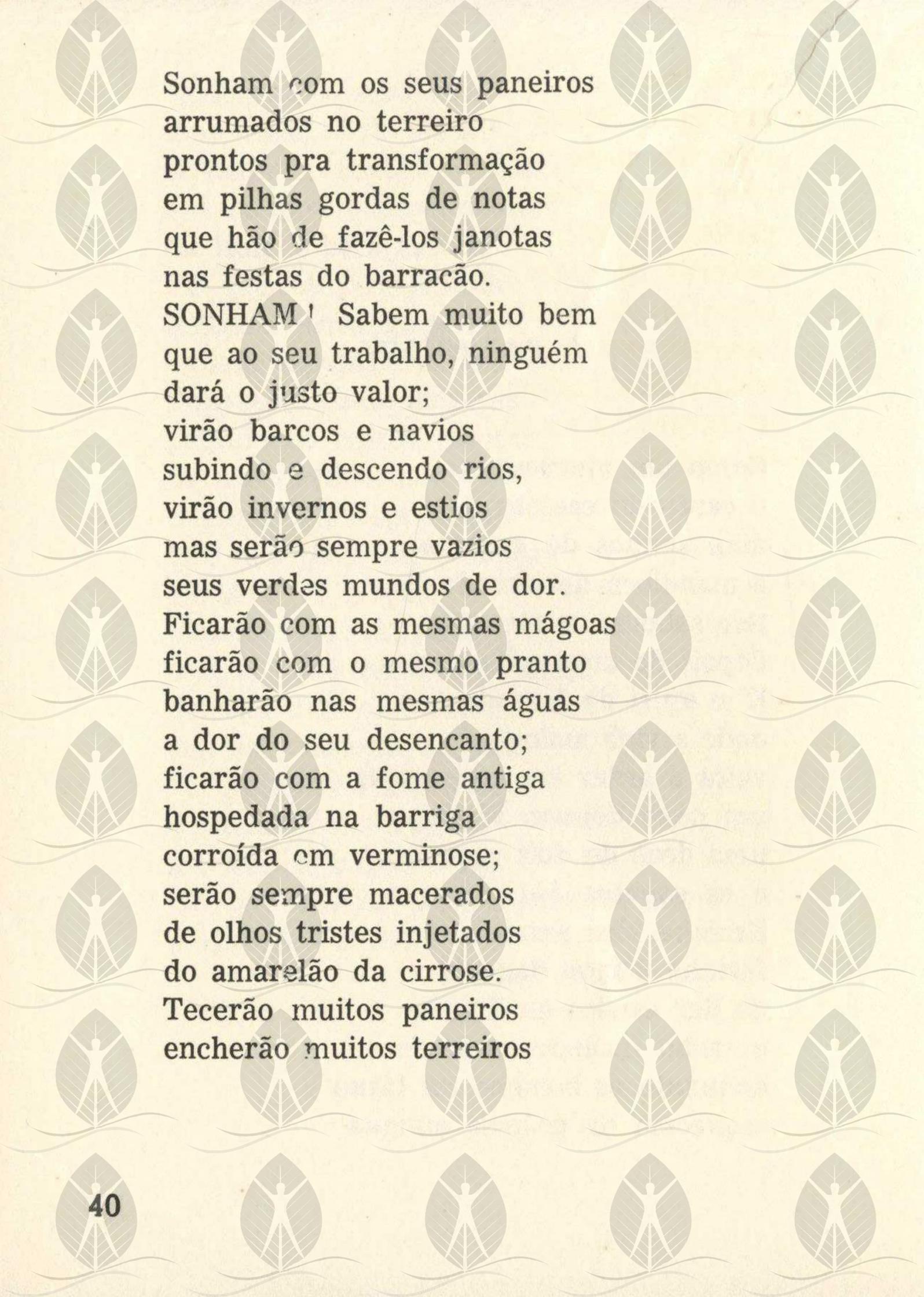


aguardando pelas ruas
uma colheita de amor.
E' magro e triste o menino
que cumpre o triste destino
de luzir a bota alheia,
êle que anda recurvado
levando como calçado
os seus sapatos de areia.
Doze anos de amarguras
polindo as noites escuras
da sua desilusão;
menino sem esperança
que não pôde ser criança
garantia da Nação.
Menino filho da fome
sem lei, sem lar e sem nome,
de vida amarga e vazia,
engraxa, menino, engraxa
vai pagando a tua taxa
de abandono e solidão
até que aconteça o dia
em que nós de polir, menino,
a Aurora da redenção.



A FARINHADA

Como um murucututu
o canto do caetetu
nina sonhos de ventura;
a mandioca derramada
tem sabores de alvorada
depois de uma noite escura.
E' o ajuri da fornada
onde a vida malograda
volta a arder em esperanças :
um novo dólman Floriano
uma doze de dois canos
e os sapatos das crianças.
Farinha sêca amarela
farinha d'água daquela
de dar estalos na língua,
o tacho incandesce ao forno
enquanto os homens em tórno
esquecem da própria míngua.



Sonham com os seus paneiros
arrumados no terreiro
prontos pra transformação
em pilhas gordas de notas
que hão de fazê-los janotas
nas festas do barracão.

SONHAM! Sabem muito bem
que ao seu trabalho, ninguém
dará o justo valor;

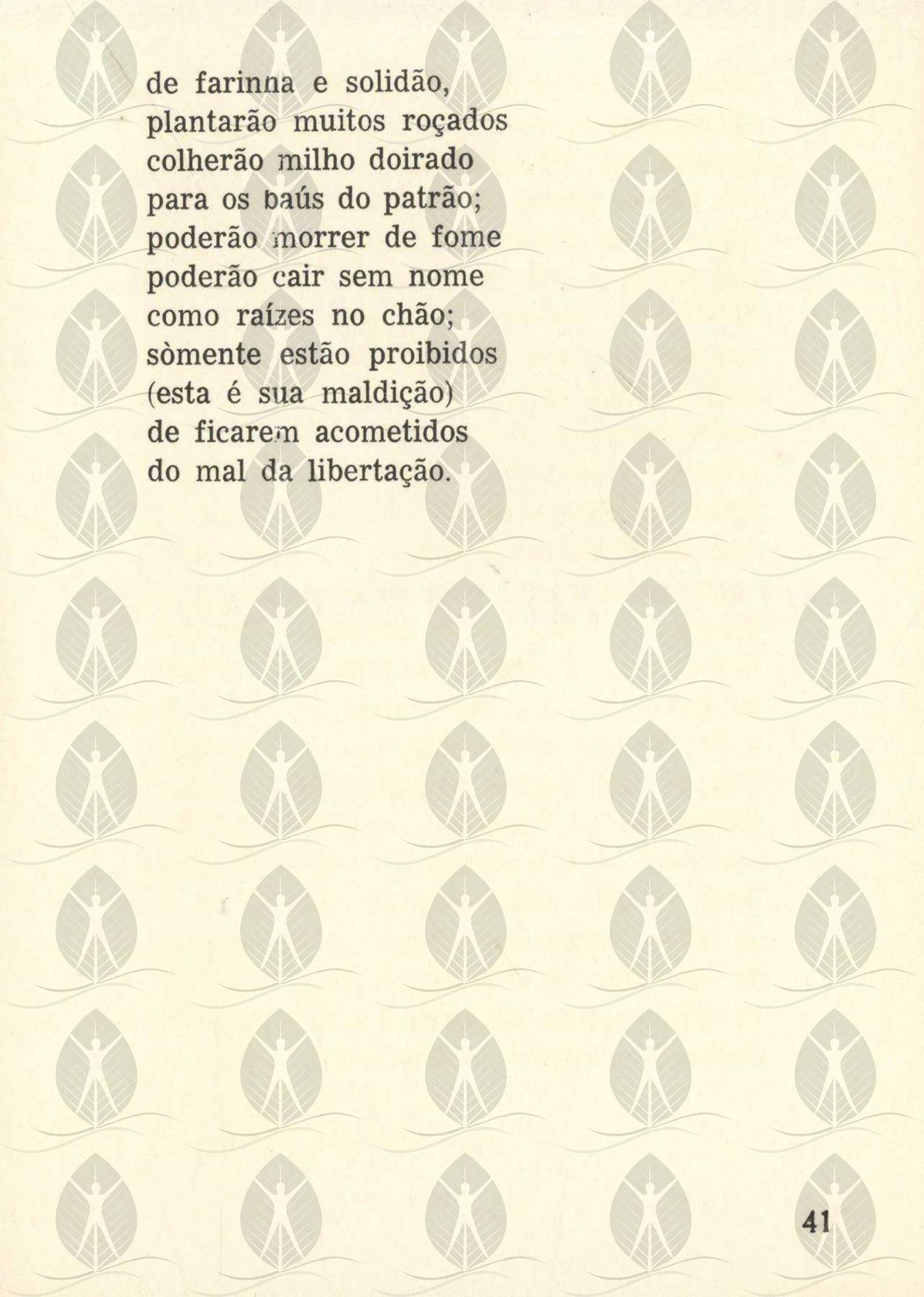
virão barcos e navios
subindo e descendo rios,
virão invernos e estios
mas serão sempre vazios
seus verdes mundos de dor.

Ficarão com as mesmas mágoas
ficarão com o mesmo pranto
banharão nas mesmas águas

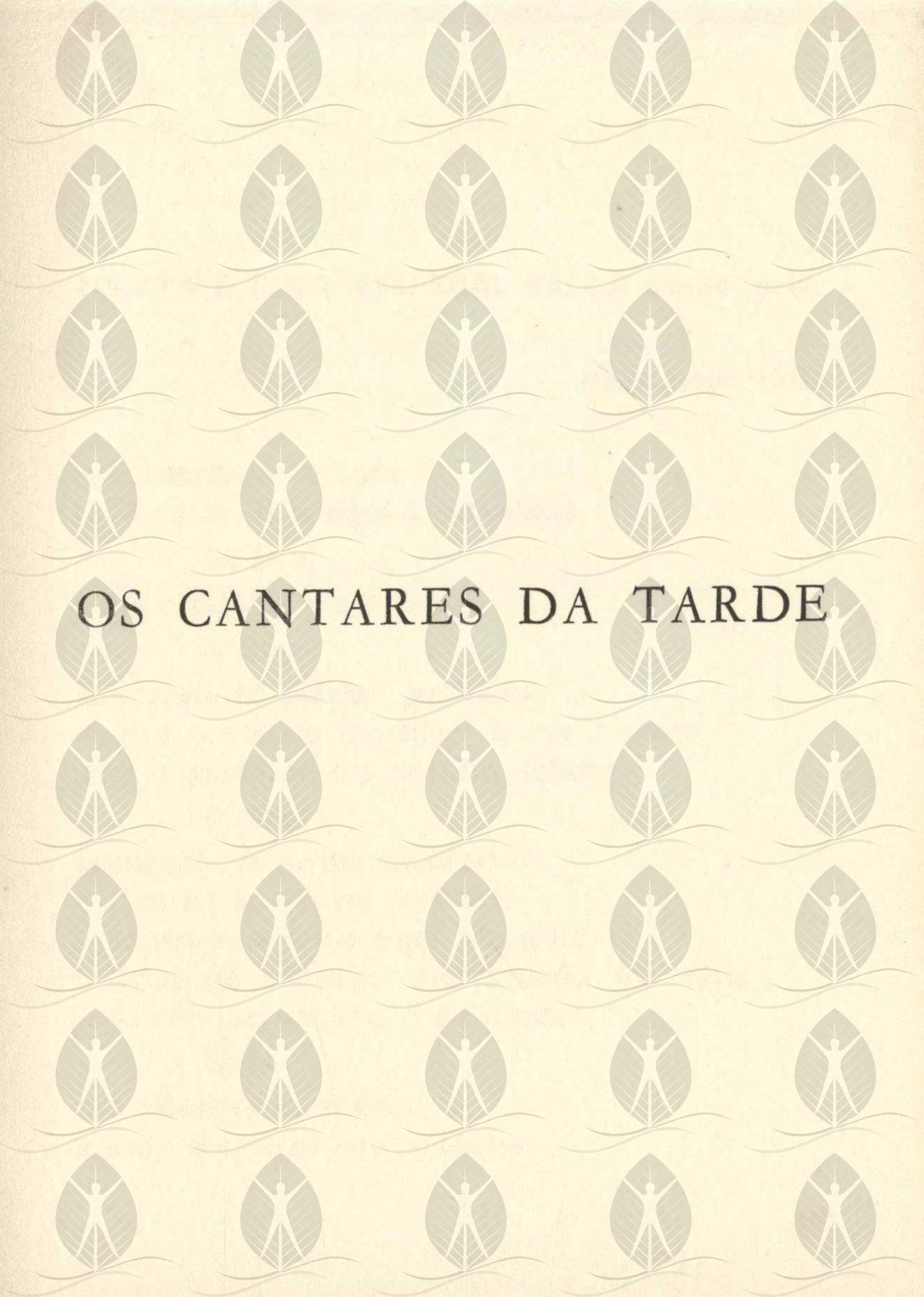
a dor do seu desencanto;
ficarão com a fome antiga
hospedada na barriga

corroída em verminose;
serão sempre macerados
de olhos tristes injetados
do amarelão da cirrose.

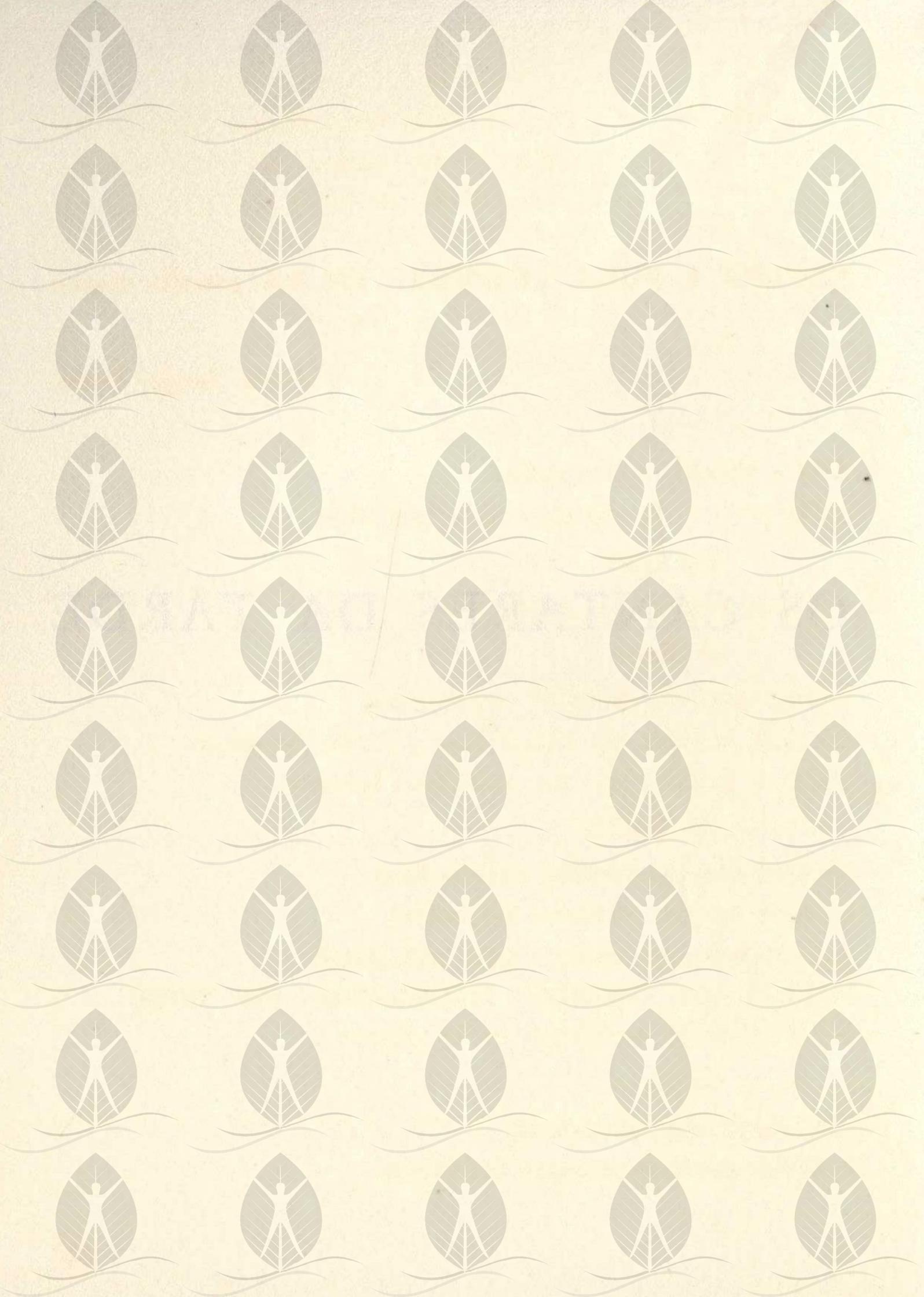
Tecerão muitos paneiros
encherão muitos terreiros



de farinha e solidão,
plantarão muitos roçados
colherão milho doirado
para os baús do patrão;
poderão morrer de fome
poderão cair sem nome
como raízes no chão;
sòmente estão proibidos
(esta é sua maldição)
de ficarem acometidos
do mal da libertação.



OS CANTARES DA TARDE



TOCATA E FUGA VESPERAL EM LÁ mento maior

Para Jorge Tufic

Sob a tarde, a varanda
sôlta no ar de musgos e esqueletos.

Lá fora,

entre o rastilho e a pólvora,

A Rosa,

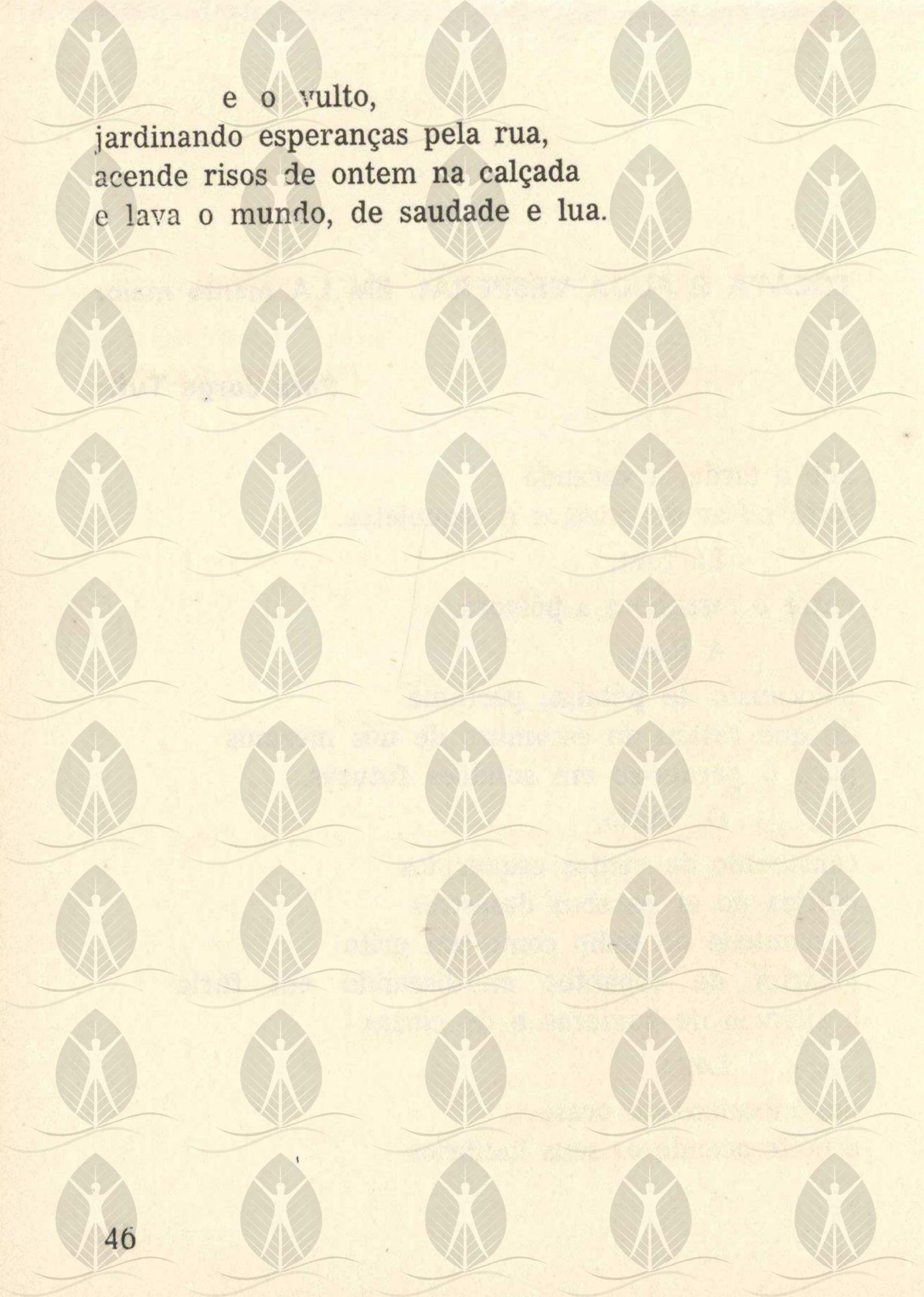
holocausto de pétalas, perfume
do que restou do escombro de nós mesmos
para o perder-se em solidões futuras.

O Vulto,

consumido de ventos esquecidos
edifica no ar os seus desastres
e acontece no tédio como um grito
(clarim de espantos mordiscando em fúria
o silêncio de sombras e de cinzas)

Logo,

nos mosaicos do ocaso,
a noite acende os seus ludíbrios



e o vulto,
jardinando esperanças pela rua,
acende risos de ontem na calçada
e lava o mundo, de saudade e lua.

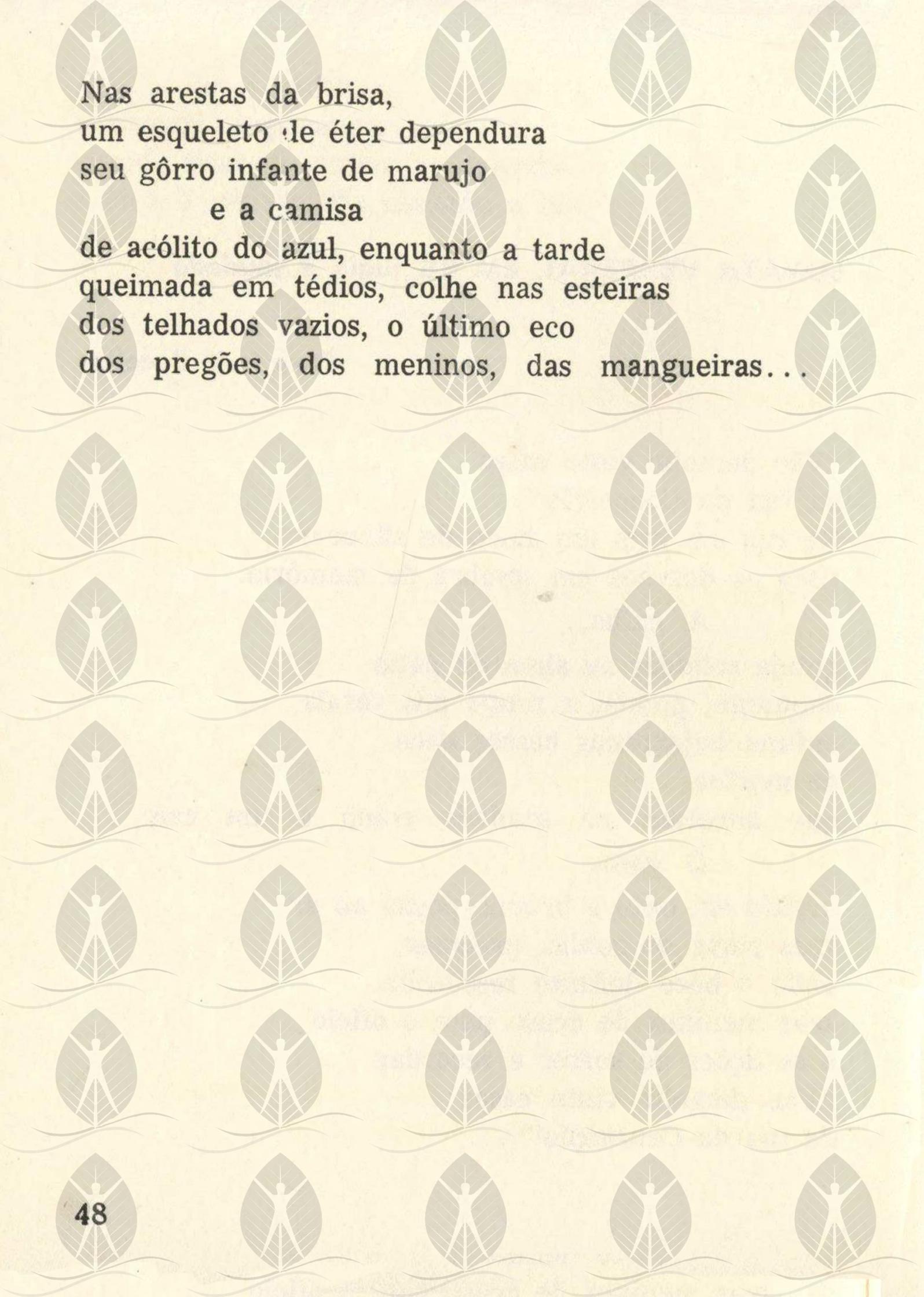
SONATA VESPERAL EM RÉ fugio e saudade

Para Luiz Bacellar

“Vão demolir vinte casas
na rua da Conceição”...
Na rua em gris um sulco de silêncio
risca os desvãos em sombra da memória.

A calha,
goteja solidões na alma do pátio
enquanto, panda, a roupa nos varais
enfuna bujarronas nessas naus
de mortos,
que ancoram na saudade como a um cais.

O gato,
urdido em mito e bruma, pousa no ar
suas patas de sonho, preamar,
onde o bêco defunto ressuscita
seus meninos de ocaso para o ofício
e as lições de sofrer e recordar
“Vão demolir vinte casas
da rua da Conceição”...



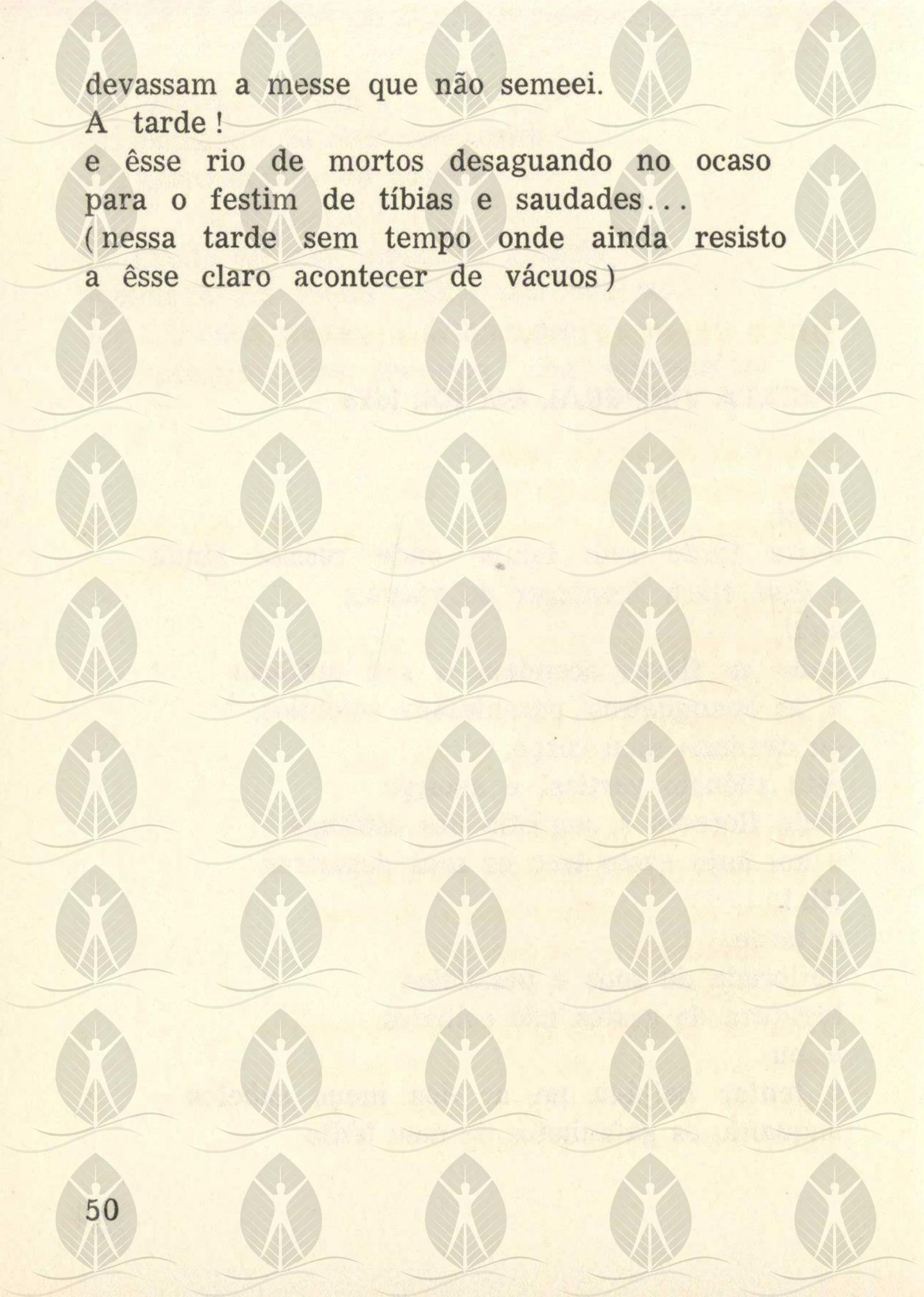
Nas arestas da brisa,
um esqueleto de éter dependura
seu gôrro infante de marujo
e a camisa
de acólito do azul, enquanto a tarde
queimada em tédios, colhe nas esteiras
dos telhados vazios, o último eco
dos pregões, dos meninos, das mangueiras...

TOCATA VESPERAL EM SOL idão

Aqui,
nessa tarde sem tempo onde resisto ainda
a êsse claro acontecer de vácuos;
aqui,
onde as flôres acendem o seu ludíbrio
e as mangueiras paraninfam suicídios,
eu caminho meu corpo,
êste silêncio vertical e amargo
onde floresce a angústia das estátuas
e um anjo gasto tece os seus desastres.

Ah !

a tarde,
deflorada de sons e pesadelos
tessitura de gestos não colhidos
e eu,
a tentar beijá-la no ar dos meus cabelos
enquanto os gafanhotos do meu tédio



devassam a messe que não semei.

A tarde!

e êsse rio de mortos desaguando no ocaso
para o festim de túbias e saudades...

(nessa tarde sem tempo onde ainda resisto
a êsse claro acontecer de vácuos)

SUITE VESPERAL EM LAMENTO MAIOR

Sôbre as cinzas da tarde
fiam finos os fios do meu tédio,
e enquanto chove essa acidez azul de um céu de
[enganos,

a palidez dinâmica dos rostos
ri seus milênios gordos de tragédia.

No ocaso,

o sol trabalha em fúria

a quintessência do que já não sou,

e esta alma que levo,

(gestação de abismos)

floresce antigas solidões noturnas

ao som de um sôpro súbito de asas

que envelhecem crepúsculos;

e o ocaso,

metal de angústias laminando escombros,

forja o mistério do esqueleto de éter

onde as cinzas da tarde, fiandeiras,

fiam finos os fios do meu tédio.

Sinfonia de Azul em DÓ SI lúnio e SOLidão

Para Alencar e Silva

Pois bem,

lunissíssimo irmão,

Já me deste o bastante para o vôo...

O resto,

aprenderei no assombro das manhãs
inaugurando o riso dos gerânios
antes que o canto de aço das formigas
anuncie o festim do meu desastre.

O mais,

é armar o salto lualúcido
e sôbre os ossos trêmulos da estrêla
em silêncio aguardar que o fado cumpra-se.

APÊLO VESPERAL, UM TANTO POEMA,

ao irmão Luiz Ruas

(do pôsto lunar da minha tenda
onde Marte emprenhou uma lagoa
que fica urdindo mitos no silêncio)

Brisatexto :

Arquitetos de gestos sonilúcidos,
somos o vôo cego dos amantes
pulverizando amargas evidências
(escuta, irmão,
os hipogrifos luaembriagados
pastando as nossas plantações de vento
oh ! o escombro dos nossos corpos florescendo a
[vertigem
onde a alquimia cinza dos abismos
envelhece o segrêdo das acácias...)
oh ! o desastre, irmão,
sùbitamente em nós,
contido em nós,
para salvar o pouco das orquídeas

que o ontem gasto em medos nos legou;
(e como fácil, irmão, seria olhar o outono,
o sono azul das coisas pequeninas

e depois,

entre o deserto e a sede, a doação
da nossa urdilunar arquitetura,
estalagem de ocaso
mosaicada de brisa para o sonho)

Oh! não demores mais, irmão, que ainda é tempo
de nos fazermos tempo na paisagem...

OUVERTURE VESPERAL PARA BOLINHA

Lua e bigode fluem pela tarde.

Na sala,

Villa Lobos filtra a vida
escorrida do ócio como dádiva;

hirto,

Bolinha rege o sonho dos convivas,
cauda e olhar desenhando invenções
para o sabor das nossas frustrações.

GATO

(ou homem descansando na forma
fôrma gasta de medos, roída em cicatrizes
plena do pó de tôdas as conquistas
e da salsugem dêsse mar de gritos
onde os mortos mastigam o último gesto
carcomido de abismos e raízes ?)

GATO

(ou anjo dormitando as asas

esgotado de múltiplos ocasos
luagasto de nuvens e infinitos
dessa tristeza que só sabe e sente
quem já foi anjo e teve êsse dever
celeste e horrível de guardar seus gritos ?)

GATO

além da esfinge
ponto urdindo os mitos
com que a febre tece os seus repastos
para os hóspedes famintos do banquete
muito além do possível de comê-lo.

GATO GATO

rútila reentrância,
de onde vislumbro sôbre o muro antigo,
sabendo a pó de sono, me espiando,
o banda de asa, o pião capenga,
e qualquer coisa minha que não sei,
que tanto pode ser a paranóia
ou êsse morto que anda do meu lado
para os olhos do gato, clarabóia
aberta em sonho e gesto na distância,
geografia lunar da minha infância...

Ata vespéral em RÉ belde ESPERANÇA

para Thiago de Mello

Thiago,
companheiro,
cidadão do azul,
casado, (polígamo de auroras)
arquiteto de sons e lua cheia
teu canto,
sôbre o instante de escombros,
bateiou a esmeralda. Não a última
nem primeira, mas a mesma,
inquilina nos olhos de Rousseau,
canavieira na frente de Guillén,
em Neruda verdeverbo amar,
nêga Fulô em Jorge,
nas cantigas de Vinícius môça de mira-mar,
plena como o acalanto,
das abelhas do teu canto
urdindo no seu afã

as colméias do amanhã.

Thiago,

companheiro,

os que morreram para viver,

para polir a esmeralda,

neste encontro de ocaso e não de acaso

com os vivos de ar e não de luz,

resolvem nomear-te lapidário

e muito mais,

depositário,

da esmeralda, da fé e da esperança

que ficam bem melhor na tua guarda

indormida e serena de criança.

DADO E PASSADO NESTA TRANQUÍLÍSSIMA

ILHA DE CÉU E SOL, AOS SETE DIAS

DO ANO QUE AINDA ESTÁ EM URDIDURA

NESTE INSTANTE DE ESCOMBRO E NOITE ESCURA.

RECEITA VESPERAL DE ALVENARIA

para Elson Farias

“Todos devem construir o mundo”

Na vigília lunar, a arquitetura
deve doar-se em gestos de ternura,
de brisa e sol, de pão e lua cheia,
enquanto as mãos, por sôbre as altitudes,
devem passarinhar as latitudes

dos espaços vitais,
convencionais,

hasteando-se ao mastro das bandeiras
na geografia azul dessas novas fronteiras.

“Todos devem construir o mundo”.

Pedra de fonte clara
argila de uma canção
cal de nuvem trapezista
rebôco do coração.
Sapato de sete léguas
para levar João e Maria

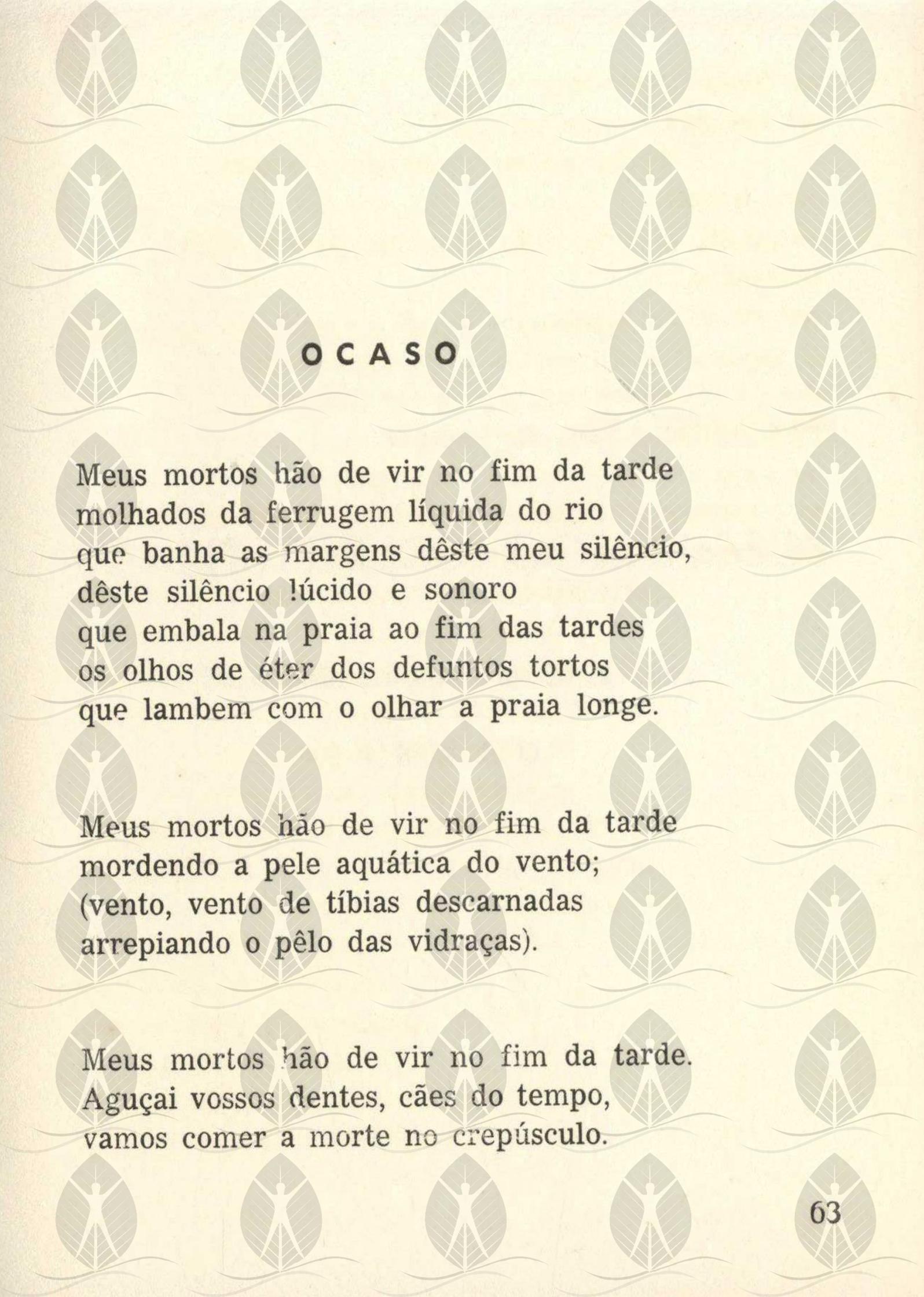
ao festim cotidiano
de inaugurar mais um dia.

“Todos devem construir o mundo”

Nos trigais,
enquanto a ceifa colhe a morte para a vida,
o capataz,
que deve ser criança
e alquimista do sonho e da esperança,
deve brincar de manja com as libélulas
fiscalizando o ouro das espigas
ao sono som da voz das raparigas
que cantam e amam sem nenhum pecado
por êsses verdes tálamos do prado.

“Todos devem construir o mundo”

De pedra e cal
e muito mais porém
de amor e bem,
e muito pão de paz
e nada mais,
AMÉM.

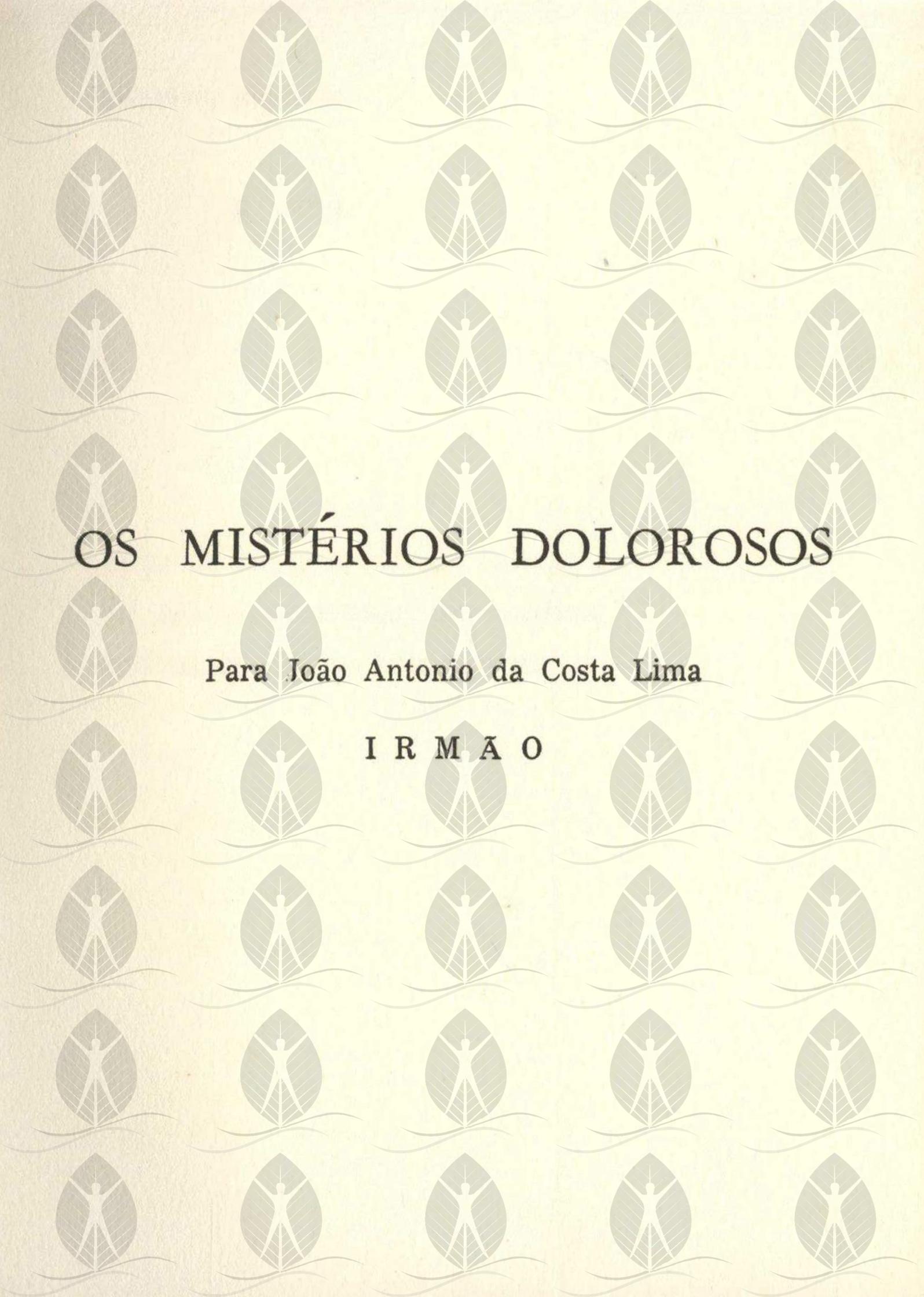


O C A S O

Meus mortos não de vir no fim da tarde
molhados da ferrugem líquida do rio
que banha as margens dêste meu silêncio,
dêste silêncio lúcido e sonoro
que embala na praia ao fim das tardes
os olhos de éter dos defuntos tortos
que lambem com o olhar a praia longe.

Meus mortos não de vir no fim da tarde
mordendo a pele aquática do vento;
(vento, vento de túbias descarnadas
arrepiando o pêlo das vidraças).

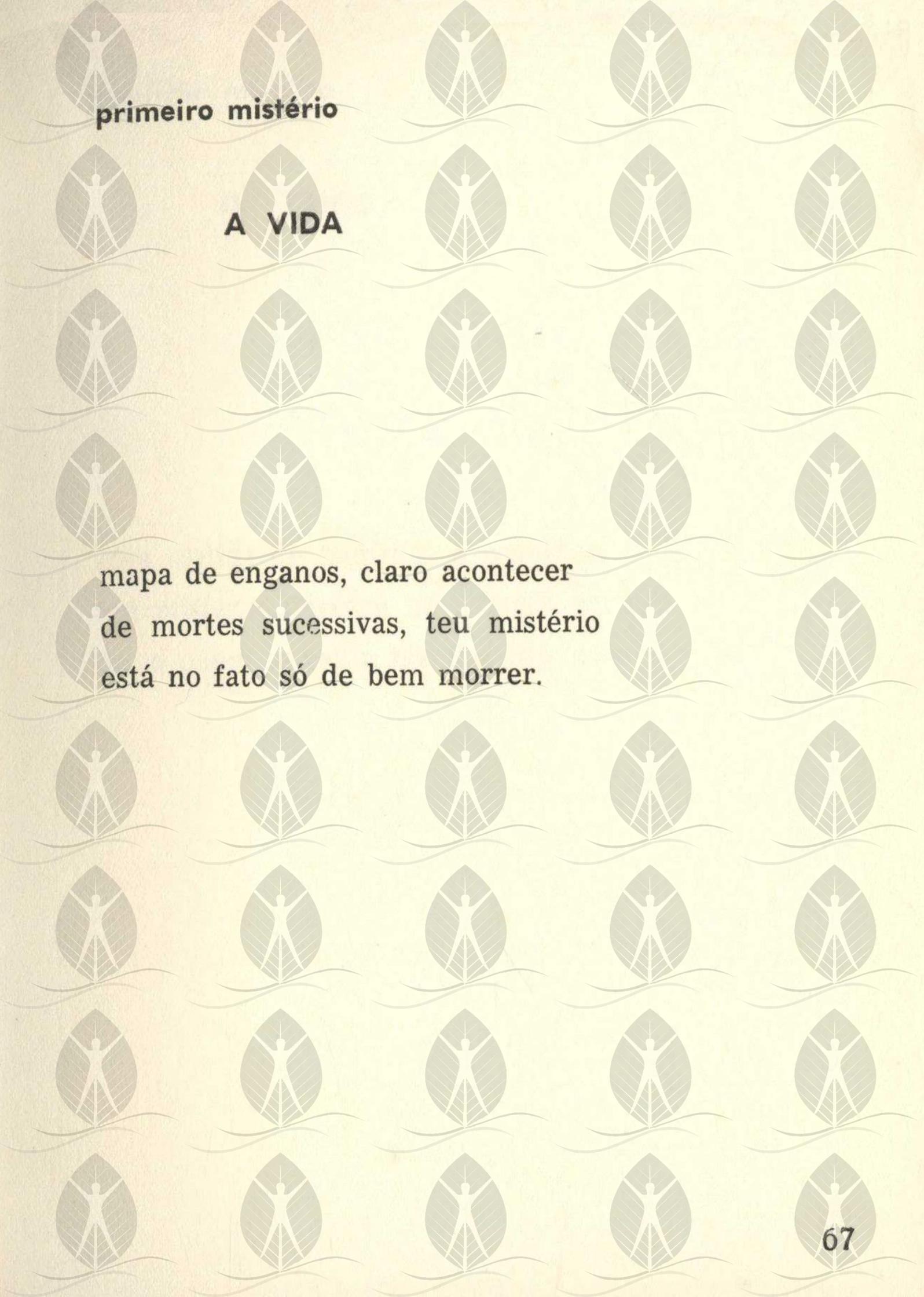
Meus mortos não de vir no fim da tarde.
Aguçai vossos dentes, cães do tempo,
vamos comer a morte no crepúsculo.



OS MISTÉRIOS DOLOROSOS

Para João Antonio da Costa Lima

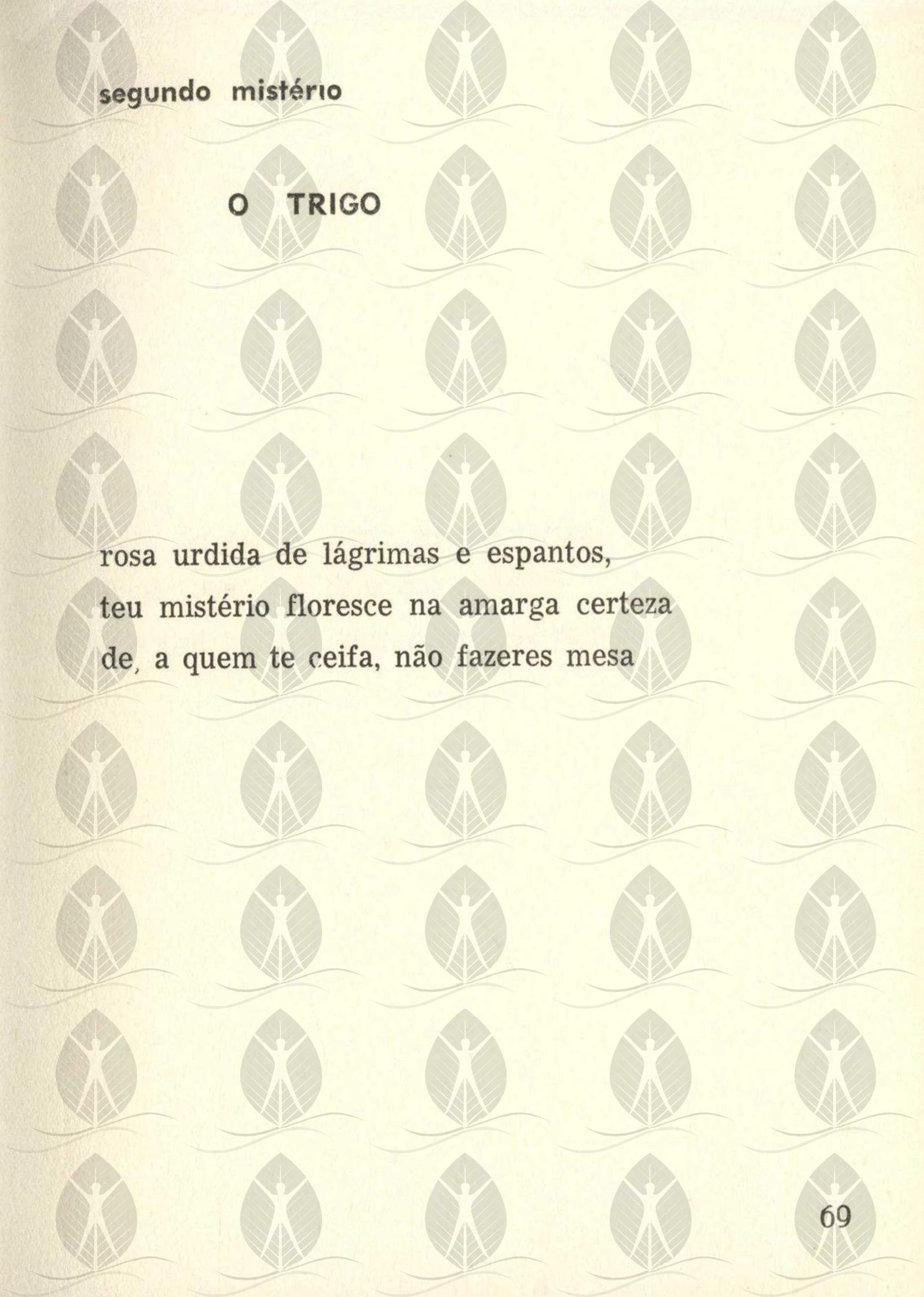
I R M A O



primeiro mistério

A VIDA

mapa de enganos, claro acontecer
de mortes sucessivas, teu mistério
está no fato só de bem morrer.



segundo mistério

O TRIGO

rosa urdida de lágrimas e espantos,
teu mistério floresce na amarga certeza
de, a quem te ceifa, não fazeres mesa

terceiro mistério

O SONHO

sôpro de gestos, brisa de memórias,
teu mistério é o fluir das solidões
com que ninas a vida e os seus dragões.

quarto mistério

O AMOR

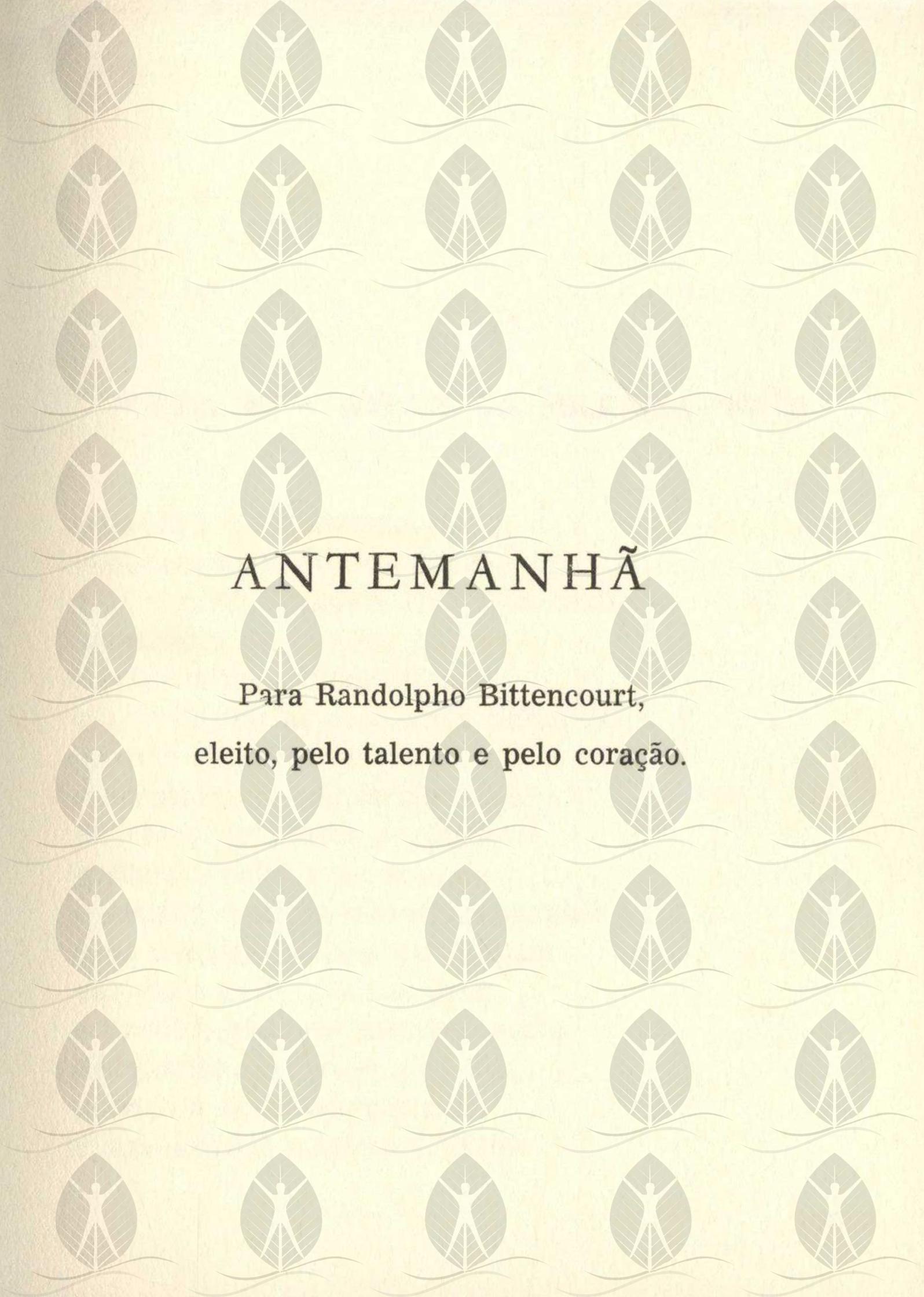
risco de eterno nessa dura lida
de mascarar desastres, teu mistério
é, mesmo a morte, em ti, saber a vida

quinto mistério

A MORTE

ato real, nessa irrealdade

a que chamamos vida, teu mistério
é o nascer-se por ti, na eternidade.



ANTEMANHÃ

Para Randolpho Bittencourt,
eleito, pelo talento e pelo coração.

POEMA N.º 1 DEPOIS DA MILÉSIMA NOITE

Quando a noite avançar mais,
quando a noite avançar mais,
e as corujas tutuarem com seus cantos
as paredes do abismo;
quando a noite avançar mais,
e a treva duelar com olhos defuntos;
quando a noite avançar mais,
e acontecerem partos absurdos
do útero de postes perfilados;
quando a noite avançar mais
e houver cantigas tristes sussurradas
pela bôca das pedras semigastas;
quando a noite avançar mais
e Carlitos pular da esquina morta
de guarda-sol varado pela lua;
quando a noite avançar mais
e equilibristas mágicos bailarem.

sôbre a corda de som prêsa ao apito :
quando a noite avançar mais
e decepadas mãos passarem sôfregas
lembrando virgens loiras masturbadas;
quando a noite avançar mais
e o pânico entortar as faces dos leprosos
provocando o riso lúcido dos loucos;
quando a noite avançar mais
e as velas enegrecerem os suicidas
banhados pelas lágrimas das amantes;
quando a noite avançar mais
e sangrar mel dos cornos do dragão
para empapar a bôca dos famintos;
quando a noite avançar mais
e as cebolas de Neruda explodirem
abrindo túneis rubros para os párias :
quando a noite avançar mais
e a gravidez da rêde anunciar
que o anjo acorrentou dois corpos nus :
quando a noite avançar mais
e os bêbados crescerem pelos muros
onde aranhas no cio jantam os machos;
quando a noite avançar mais
e o meu casaco rôto de salsugem
assanhar êsses peixes que são fezes
adubo e sal de espigas e poemas;

quando a noite avançar mais
e a quadriga dos meus hóspedes noturnos
chegar tirada por centauros cegos;
quando a noite avançar mais
e o rio gravar o baque dos remos
dos mortos que voltaram para a festa;
quando a noite avançar mais
e os botos acenderem seus chapéus
para encantar os olhos do porteiro;
quando a noite avançar mais
e as ruas se fizerem pasto para os cães
vomitando o dia lúgubre de agosto;
quando a noite avançar mais
e os olhos do escocês lembrarem gritos
que a saudade no mar cristalizou;
quando a noite avançar mais
e o ronronar de gatos invisíveis
erichar o desejo como pêlo;
quando a noite avançar mais
e o perscrutar enfim me atordoar
como foices ceifando espigas de aço;
quando a noite avançar mais
e os ponteiros pararem copulando
na fronteira das putas e dos boêmios
então, eu soarei meu corno inglês,
para atrair as corças derradeiras
e do pasto noturno, elas virão
para comer a aurora em minhas mãos.

MEU CANTO NÔVO

Para Fábio Lucena

Hoje eu queria escrever um poema diferente
sem o chiqué das formas elegantes
e a rotina das velhas tradições;
um poema duro, pegajoso, como os músculos e o suor
dos que constroem os séculos e carregam
todo o pêso do mundo sôbre os ombros;
plantar nêle um jardim de côres tristes
onde rebentem como camélias pálidas
as caras magras das crianças sujas
que andam estendendo as mãos pelas esquinas;
depois, borrá-lo com o vermelho vivo
do sangue odiento das hemoptises
dos que vivem como cães abandonados
vomitando os pulmões pelas sarjetas;
inventar no meu canto, um outro gólgota,
crucificar Jesus mais uma vez,
para acordar o grande sacrifício

no coração dos homens que esqueceram;
enrolar as estrofes como relhos
e zurzir, não sei quantas mil vêzes,
a consciência feudal dos potentados
que o hão de ler, por certo, com desprêzo,
durante a sesta, depois da bóia gorda
onde engolem, guisados ou em fatias
a vida triste dos que empurram o mundo,
nos lares, nos mares, nos ares,
nos campos, nas campas, nos pampas,
e depois de tôda uma existência,
de sangue, suor, e pranto e escravidão,
viram chocalho de ossos e terminam
de mão magra estendida a pedir pão.
Quero montar meu poema como um louco
e sair galopando mundo afora
clarinando mensagens esquecidas,
beijando a mão de pele ressequida
do camponês que anda enchendo a terra
de sementes, de dor e de esperanças;
cantar o heroísmo anônimo e gigante
das mulheres que nunca foram santas
e andam parindo nas estrebarias,
pobres crianças que ninguém adora
porque já nascem implacavelmente
pregadas à cruz de sacrifícios infindáveis

cada uma delas a lembrar Jesus :
sem lar, sem pão, sem amor e sem luz.
Quero escrever um poema diferente...
Para escutá-lo,
ninguém vai precisar de broadcasting,
basta jogar o ouvido pelo mundo
para ouvir meu poema repetido
no lamento das negras chaminés,
no roncar dos estômagos vazios
e senti-lo, mais vivo e mais cortante,
na voz daquela operária buchuda
que está enganando o menino de olhos fundos :
“DORME, FILHINHO, DORME,
TEU PAPAI VAI TRAZER DOCES”...
Hoje eu queria escrever um poema diferente...

ADENDA N.º 1 AOS ESTATUTOS DO HOMEM

Para Thiago de Mello

Aqui,
nesta praça de mundo,
onde outrora enforcavam girassóis
e os togados de ódio e convenções
executavam crianças e boêmios
e a fome,
no mais alto escalão da hierarquia
era dignitária nacional
recebendo proventos e honrarias
como madrinha das execuções;

Aqui,
nesta praça de mundo,
onde incorria em crime e em loucura
quem sonhasse o seu pão, serenamente,
sem sal de pranto ou noite de amargura;

Aqui,
nesta praça de mundo,

onde só acontecia a liberdade
num gesto aflito de alucinações
para cantar, à guarda dos fuzis,
louvor ao sabre e loas aos canhões;

Aqui,

nesta praça de mundo,
onde era proibido (PENA CAPITAL)
ter sempre a mesa posta, a prato limpo, a água fresca,
para o hóspede, irmão e companheiro
que chegasse sem nome, mas trazendo
o coração plantado na lapela
e aninhada no olhar, sem nenhuma impostura
uma estrêla qualquer, uma estrêla madura;

Aqui,

nesta praça de mundo,
onde ser, era morrer,
pelo crime nefando de querer
almar de amor o Ser;
fica criado o REINO DA AMPLIDÃO
onde todos (mas todos) reinarão
coroados de azul e madrugada;
onde as crianças nunca mais serão
esperanças de amanhã
mas, mandamentos do hoje,
amadamente cumpridos
no eternamente agora

fecundado de luz, emprenhado de aurora,
e a quem os rouxinóis, no fim do dia,
por ofício de amor, virão dos ninhos
orquestrar acalantos e carinhos;
onde o estender a mão será apenas
co!heita de outra mão;
onde antes do Verbo,
o beijo saberá a claridades
e será sempre como uma bandeira
desfraldada nos lábios para o encontro;
onde todos os dias,
no convés, nos trigais, nas oficinas,
nunca mais será crime amar o amor
e arquitetar cirandas com as meninas;
onde os cegos de olhar terão sóis nos cajados
e bússolas de amor para os olhos parados;
onde o trigo maduro será sempre servido
na baixela do azul, e assim repartido,
com a bênção do abraço e o calor da oração,
terá sempre o sabor de uma terna canção
e o homem só será obrigado a amar, profundamente;
e só cometerá um crime verdadeiro
quando esquecer de amar seu companheiro;
onde todos terão, ainda em noite escura,
sua eterna reserva de sol e ternura,
para atender à porta aberta em par,

o irmão cansado que quiser pousar;
onde a ROSA será, não ornamento,
mas trigo do querer, e fundamento
para o gesto de amor que ao se doar
terá muito mais voz do que o falar;
ROSA, não mais contradição,
mas ROSA ROSA,
ROSA coração,
ROSA ciranda,
ROSA multidão,
ROSA canto de alegria
nas pautas do nosso pão,
ROSA riso de menino,
ROSA ventre de emprenhada,
ROSA respingo de lua,
ROSA canção madrugada,
mas ROSA ROSA,
ROSA simplesmente,
muito mais ROSA
quando ROSA gente.

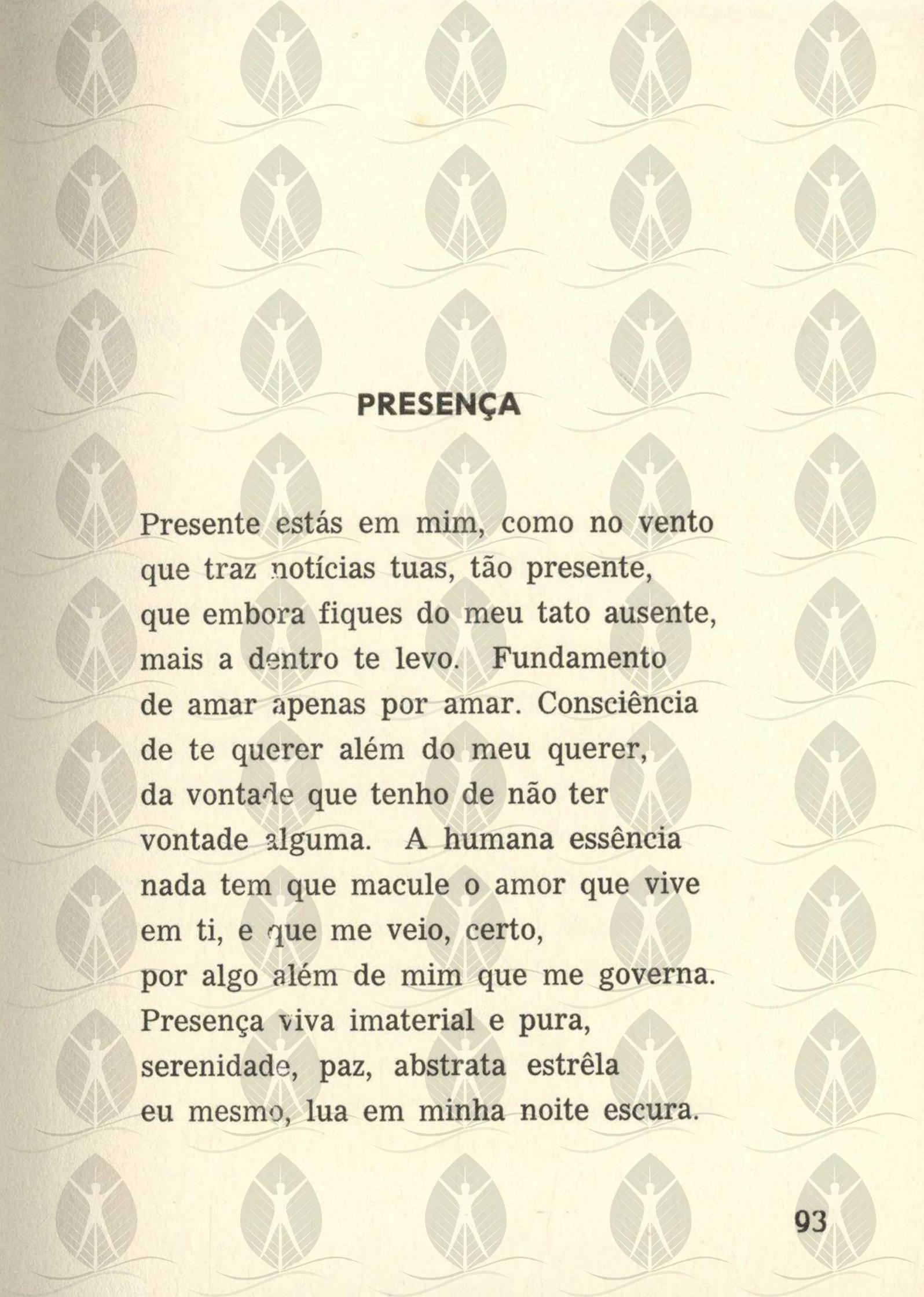
SONETO ALÉM DA BRISA

Acorda, amiga, veio a noite. Veste-a,
cobre tua nudez paralisante.

(Nem os astros, amor, compreenderão
que foi para o meu sonho que despiste
a túnica irreal em que apareces
para os olhos que vêem e te não sabem).

Vamos. O bosque adormeceu repleto
de tua presença imaterial e eterna.

Um pouco mais, andemos, deixar-me-ás
lado a lado ao pastor que já repousa
e quando, na volúpia de seguir-te
eu deixar que te vás, nua-te amor,
para que eu possa ter dentro da sombra
umas gôtas de sol para buscar-te.



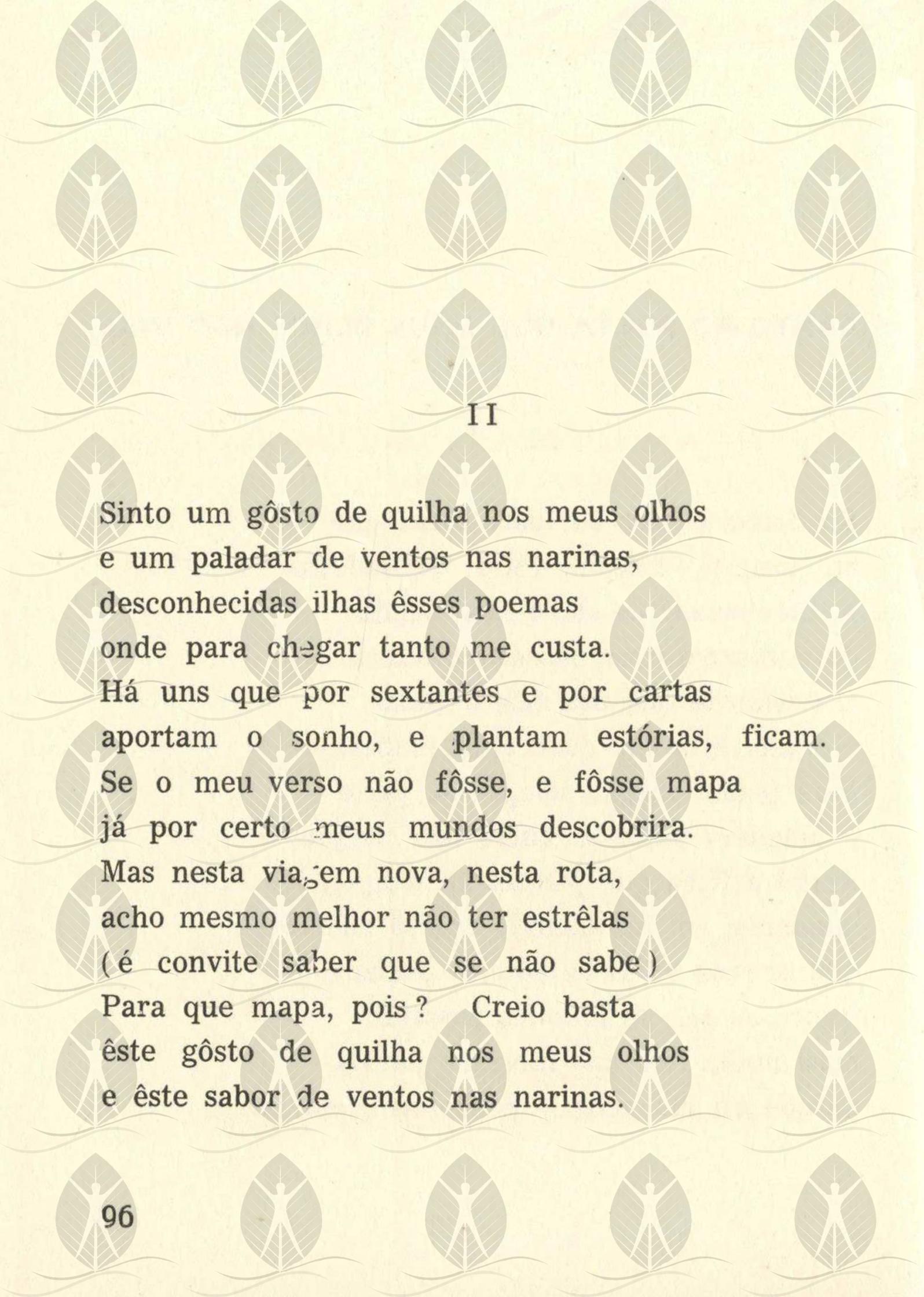
PRESENÇA

Presente estás em mim, como no vento
que traz notícias tuas, tão presente,
que embora fiques do meu tato ausente,
mais a dentro te levo. Fundamento
de amar apenas por amar. Consciência
de te querer além do meu querer,
da vontade que tenho de não ter
vontade alguma. A humana essência
nada tem que macule o amor que vive
em ti, e que me veio, certo,
por algo além de mim que me governa.
Presença viva imaterial e pura,
serenidade, paz, abstrata estrêla
eu mesmo, lua em minha noite escura.

CANTO AO POETA QUE MEUS OLHOS NÃO VIAM

I

Eu deixei de ser eu, para tornar-me
eu mesmo. Inteiro, Puro, Verdadeiro.
Melhor deixar de ser e ficar sendo
do que ser e ficar não sendo nunca.
O cristal de que nos fala o verso
é cristal mas não quebra, se modela.
Para poder chegar sempre se parte
e ninguém parte se antes não chegou.
Assim a Rosa que plantei no tempo;
queimei-a em luz quando era só silêncio
que os seus olhos de pétalas pediam.
Agora eu sei, os mundos passarão
mas minha flor não morrerá jamais
porque eu me achei. E aconteci, em jarro.



II

Sinto um gôsto de quilha nos meus olhos
e um paladar de ventos nas narinas,
desconhecidas ilhas êsses poemas
onde para chegar tanto me custa.

Há uns que por sextantes e por cartas
aportam o sonho, e plantam estórias, ficam.

Se o meu verso não fôsse, e fôsse mapa
já por certo meus mundos descobrira.

Mas nesta viagem nova, nesta rota,
acho mesmo melhor não ter estrêlas
(é convite saber que se não sabe)

Para que mapa, pois? Creio basta
êste gôsto de quilha nos meus olhos
e êste sabor de ventos nas narinas.

SONETOS DA AMARGA FÉ

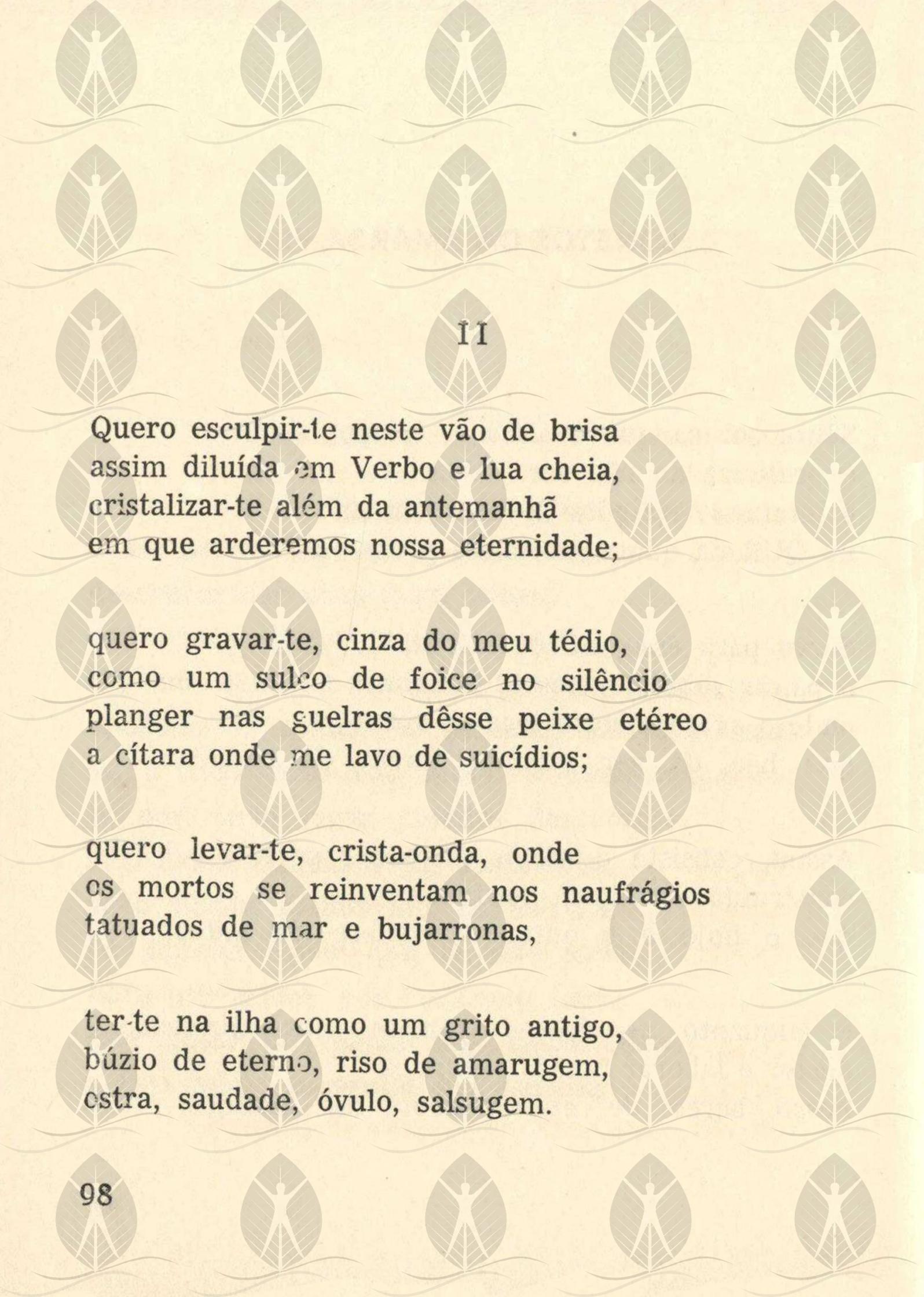
I

Sôbre ser sangue e alma, o tempo, ainda
é urdidura do não ser. Vencê-lo
é imutar-se na gôta de um momento
no QUÊ da quase morte de prendê-lo.

Serve para êsse afã de eternizá-lo
o pairar sôbre si, nesses andaimes
onde o exato minuto tece as vozes
que hão de ser quando forem de silêncio.

Assim, consiste o ofício em saber ser
construído do Agora verdadeiro
que o hoje e o ontem, urdem-se de mitos;

e enquanto os deuses tramam seus minutos
mister é laborar nesses segundos
nosso barco de eterno sôbre os mundos.



II

Quero esculpir-te neste vão de brisa
assim diluída em Verbo e lua cheia,
cristalizar-te além da antemanhã
em que arderemos nossa eternidade;

quero gravar-te, cinza do meu tédio,
como um sulco de foice no silêncio
planger nas guelras dêsse peixe etéreo
a cítara onde me lavo de suicídios;

quero levar-te, crista-onda, onde
os mortos se reinventam nos naufrágios
tatuados de mar e bujarronas,

ter-te na ilha como um grito antigo,
búzio de eterno, riso de amarugem,
estra, saudade, óvulo, salsugem.

CANTATA DE ALÉM DO ALÉM

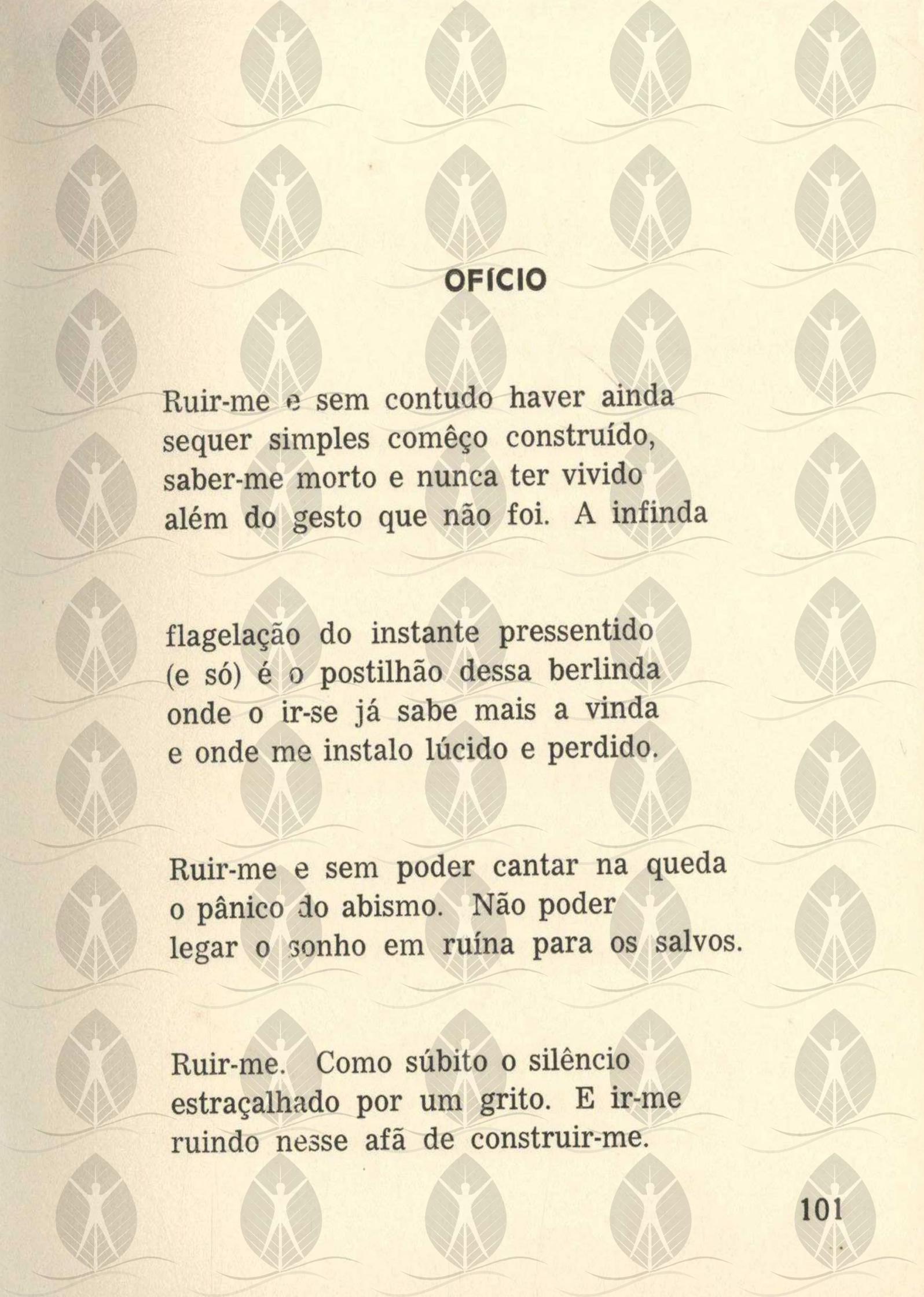
Para Hemetério Cabrinha

Sustenta-nos, irmão, essa esperança
de poder transmitir a que algum anjo
a nós, legou, no bojo dessas luas
onde ainda aguardamos a colheita.

Fôrça é irrigar com lágrimas amargas
a noturna Seara de palavras;
fôrça é prover de estrêlas o bernal
para atender amantes e suicidas.

Depois, quando as espigas aloirarem,
saíamos para a ceifa. Coloquemos
nosso celeiro à beira do caminho;

e aos trôpegos viandantes que passarem
sirvamos o alimento: na baixela
do céu mais limpo nosso pão de poemas.



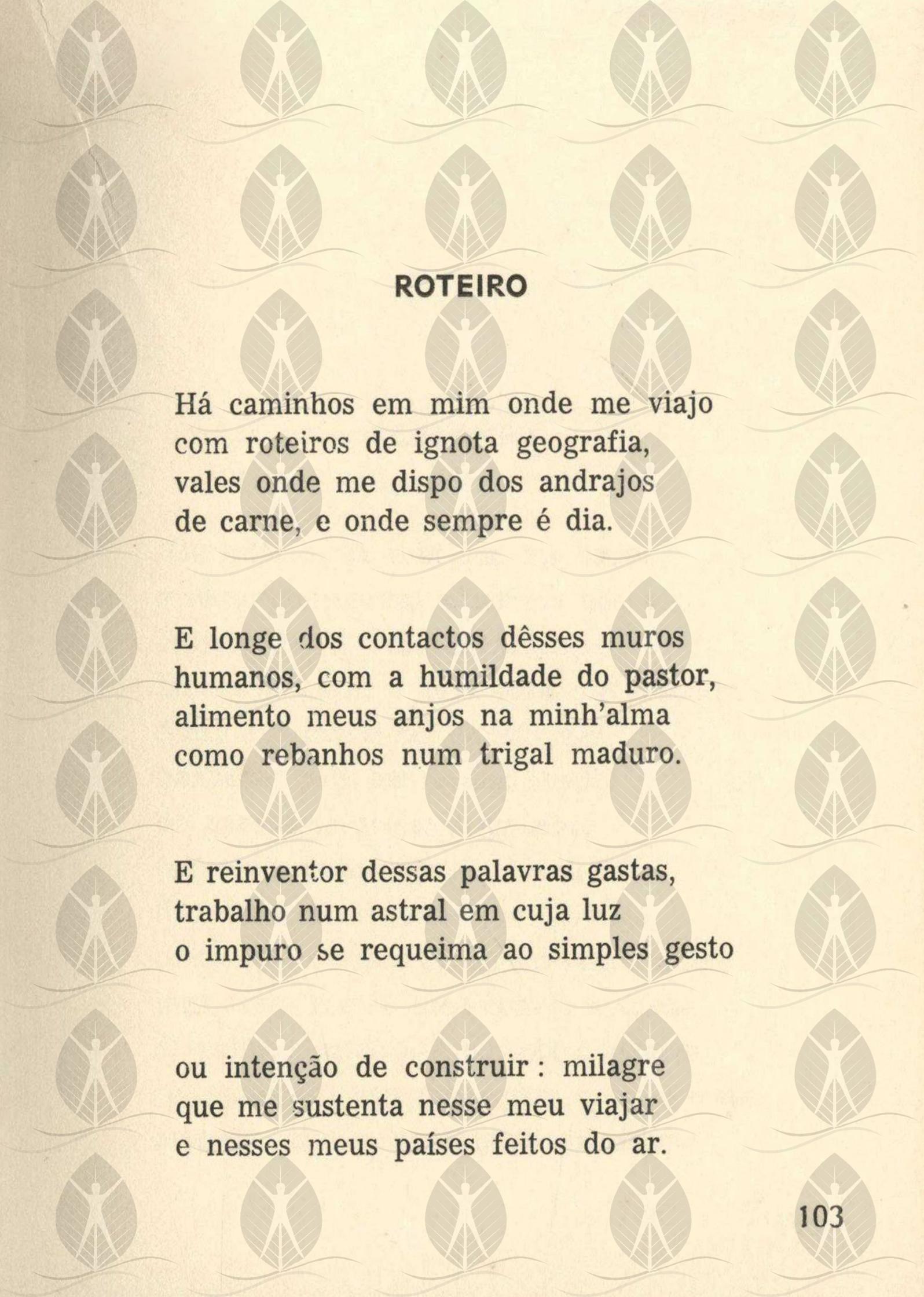
OFÍCIO

Ruir-me e sem contudo haver ainda sequer simples comêço construído, saber-me morto e nunca ter vivido além do gesto que não foi. A infinda

flagelação do instante pressentido (e só) é o postilhão dessa berlinda onde o ir-se já sabe mais a vinda e onde me instalo lúcido e perdido.

Ruir-me e sem poder cantar na queda o pânico do abismo. Não poder legar o sonho em ruína para os salvos.

Ruir-me. Como súbito o silêncio estreachado por um grito. E ir-me ruindo nesse afã de construir-me.



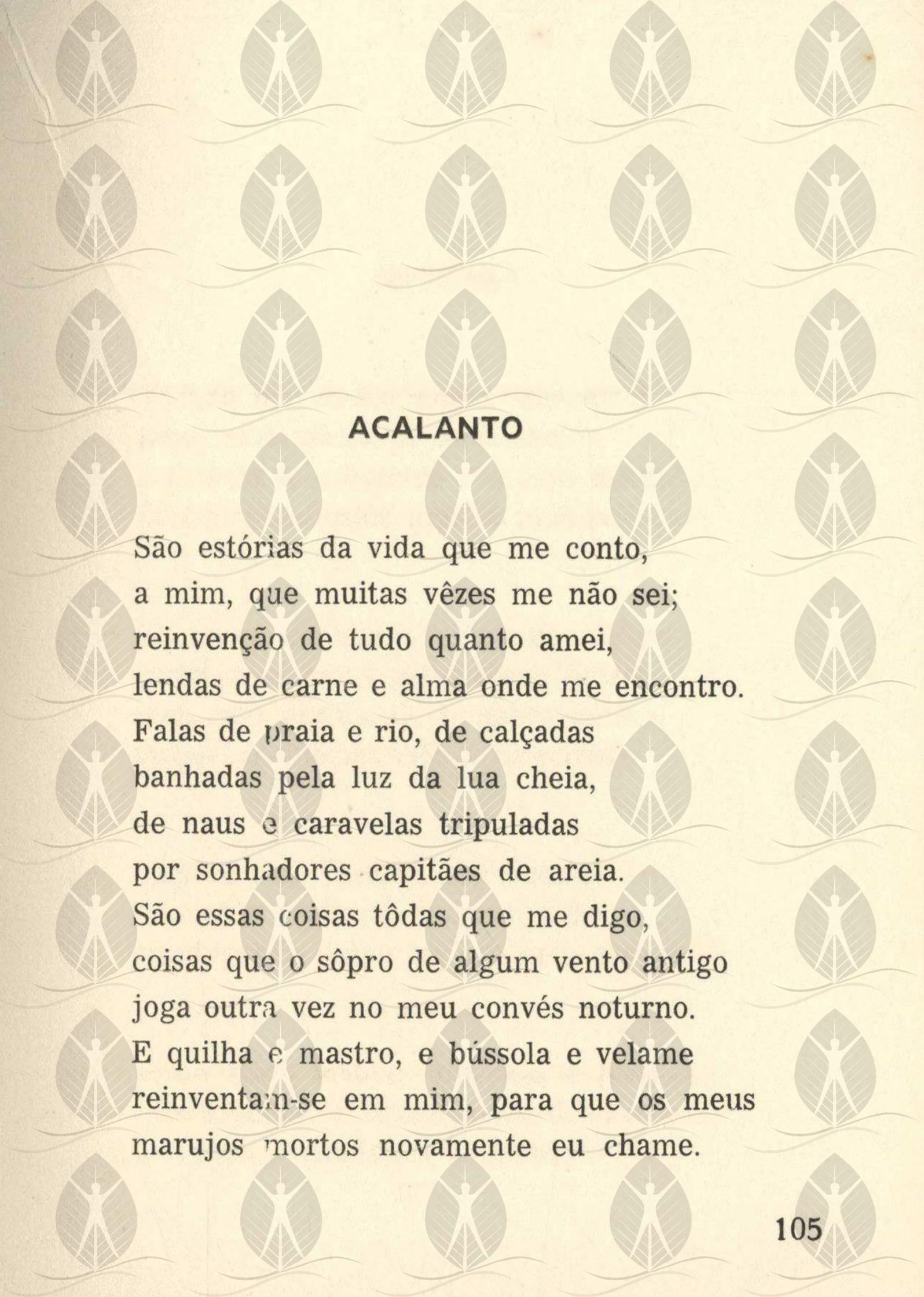
ROTEIRO

Há caminhos em mim onde me viajo
com roteiros de ignota geografia,
vales onde me dispo dos andrajos
de carne, e onde sempre é dia.

E longe dos contactos dêsses muros
humanos, com a humildade do pastor,
alimento meus anjos na minh'alma
como rebanhos num trugal maduro.

E reinventor dessas palavras gastas,
trabalho num astral em cuja luz
o impuro se requeima ao simples gesto

ou intenção de construir : milagre
que me sustenta nesse meu viajar
e nesses meus países feitos do ar.



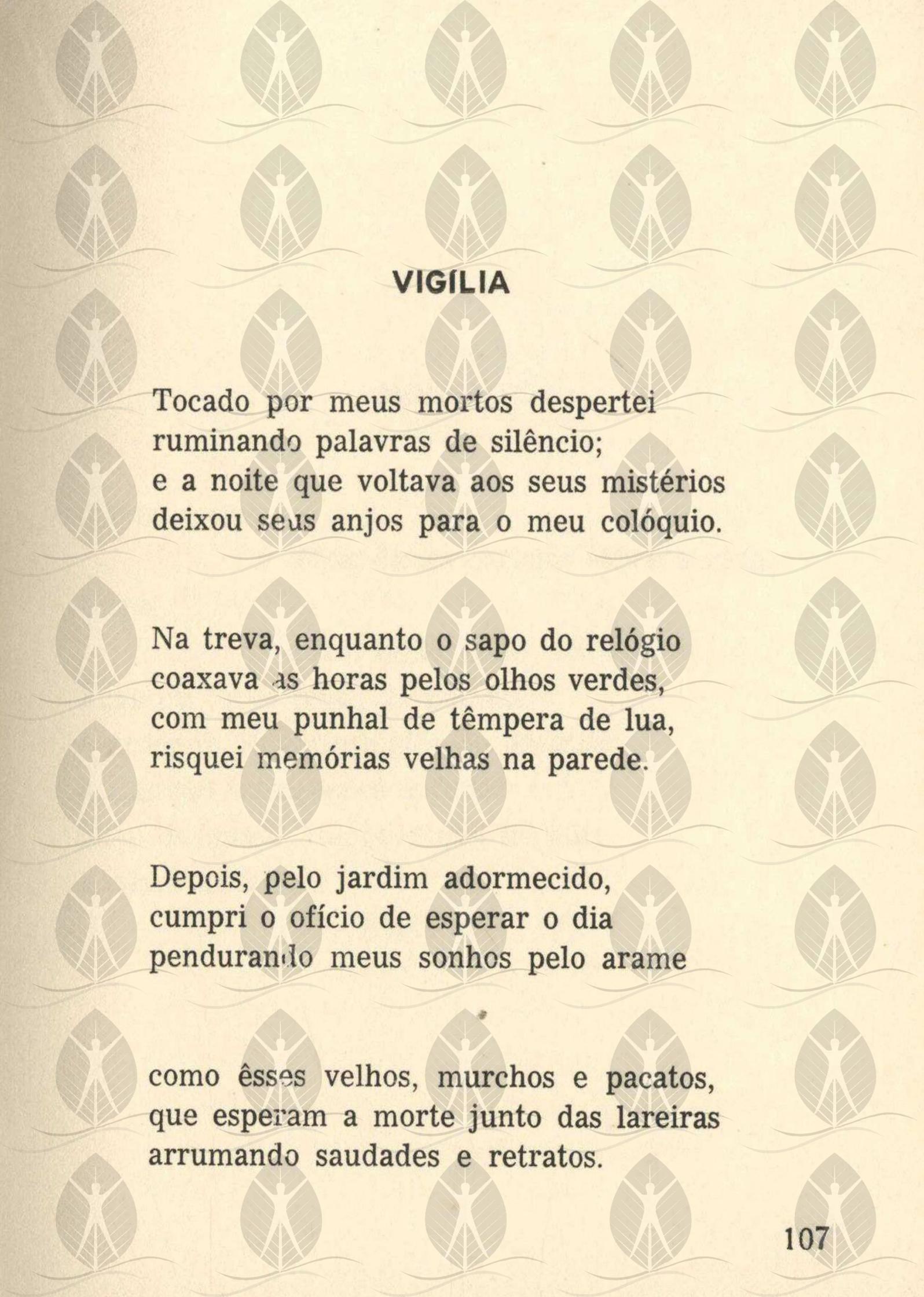
ACALANTO

São estórias da vida que me conto,
a mim, que muitas vêzes me não sei;
reinvenção de tudo quanto amei,
lendas de carne e alma onde me encontro.

Falas de praia e rio, de calçadas
banhadas pela luz da lua cheia,
de naus e caravelas tripuladas
por sonhadores capitães de areia.

São essas coisas tôdas que me digo,
coisas que o sôpro de algum vento antigo
joga outra vez no meu convés noturno.

E quilha e mastro, e bússola e velame
reinventam-se em mim, para que os meus
marujos mortos novamente eu chame.



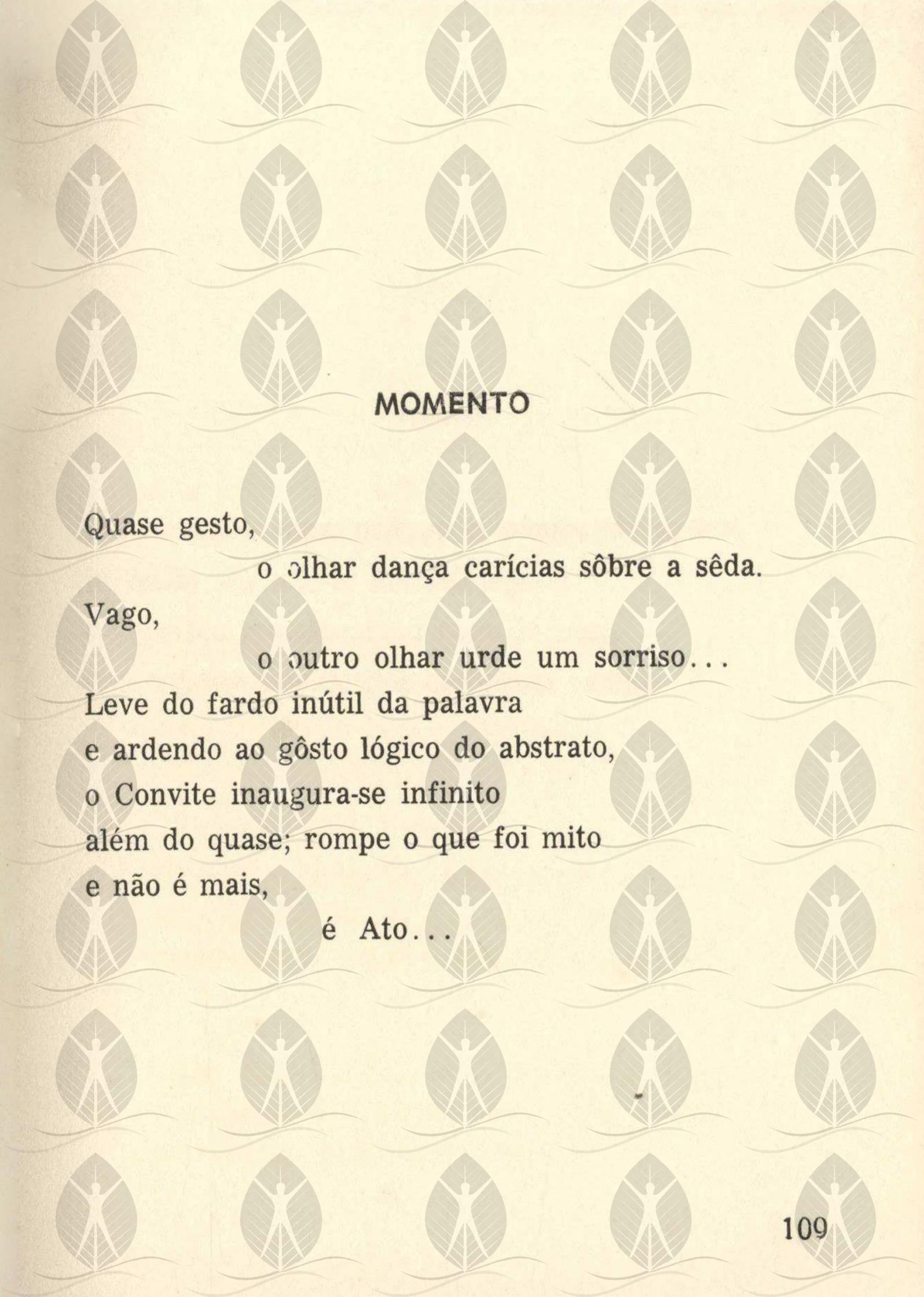
VIGÍLIA

Tocado por meus mortos despertei
ruminando palavras de silêncio;
e a noite que voltava aos seus mistérios
deixou seus anjos para o meu colóquio.

Na treva, enquanto o sapo do relógio
coaxava as horas pelos olhos verdes,
com meu punhal de têmpera de lua,
risquei memórias velhas na parede.

Depois, pelo jardim adormecido,
cumpri o ofício de esperar o dia
pendurando meus sonhos pelo arame

como êsses velhos, murchos e pacatos,
que esperam a morte junto das lareiras
arrumando saudades e retratos.



MOMENTO

Quase gesto,

o olhar dança carícias sôbre a sêda.

Vago,

o outro olhar urde um sorriso...

Leve do fardo inútil da palavra

e ardendo ao gôsto lógico do abstrato,

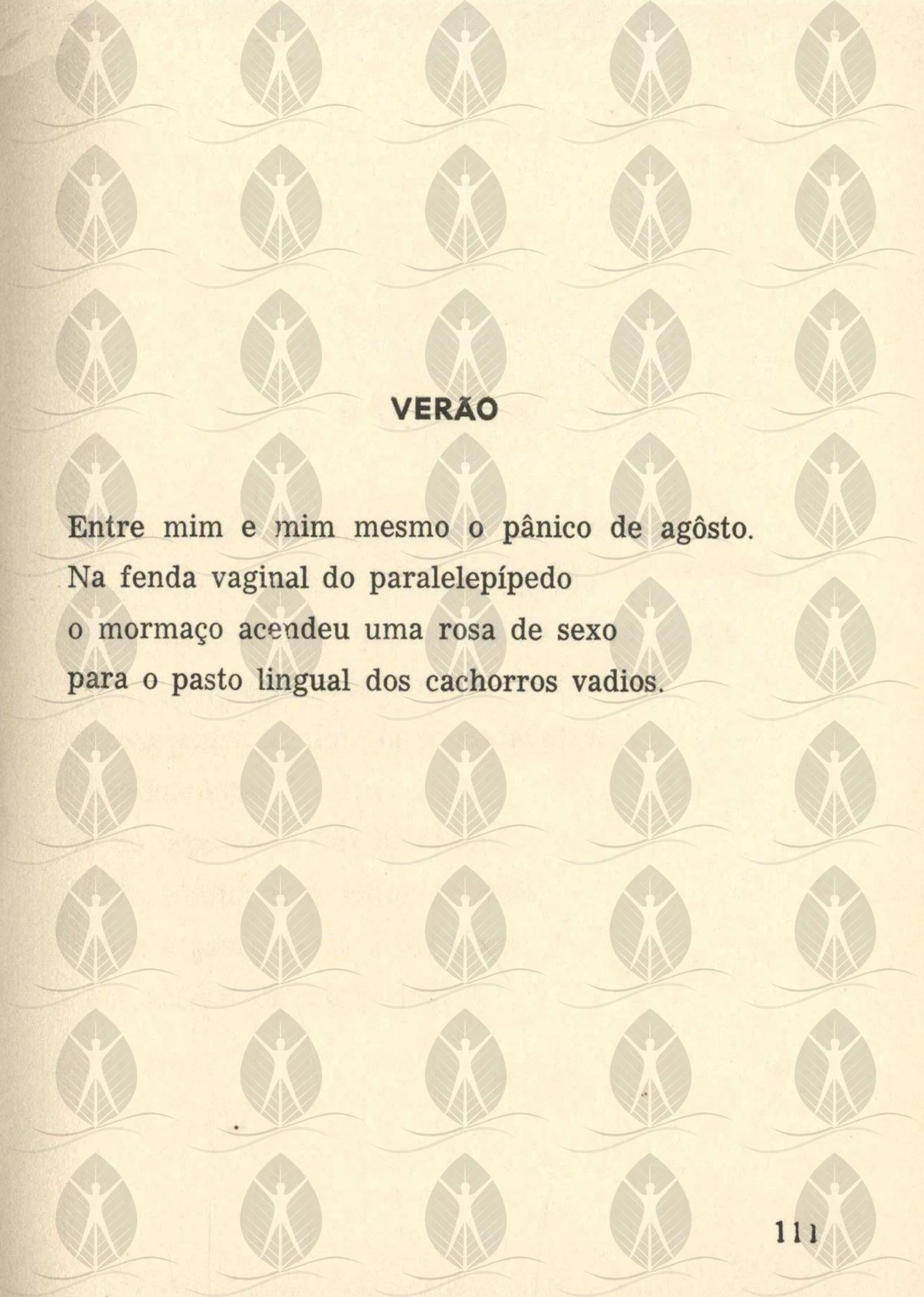
o Convite inaugura-se infinito

além do quase; rompe o que foi mito

e não é mais,

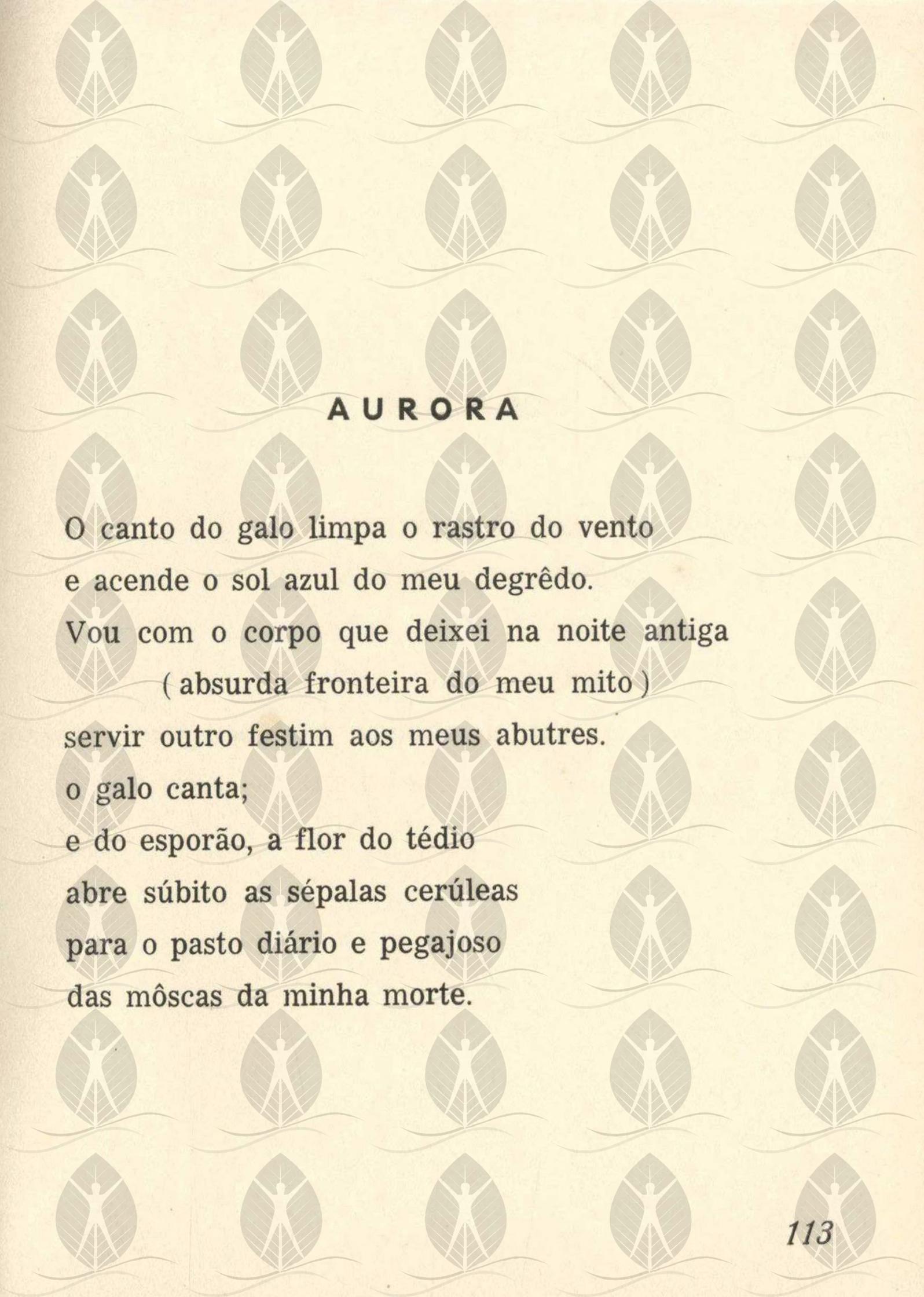
é Ato...





VERÃO

Entre mim e mim mesmo o pânico de agosto.
Na fenda vaginal do paralelepípedo
o mormaço acendeu uma rosa de sexo
para o pasto lingual dos cachorros vadios.



A U R O R A

O canto do galo limpa o rastro do vento
e acende o sol azul do meu degrêdo.

Vou com o corpo que deixei na noite antiga
(absurda fronteira do meu mito)

servir outro festim aos meus abutres.

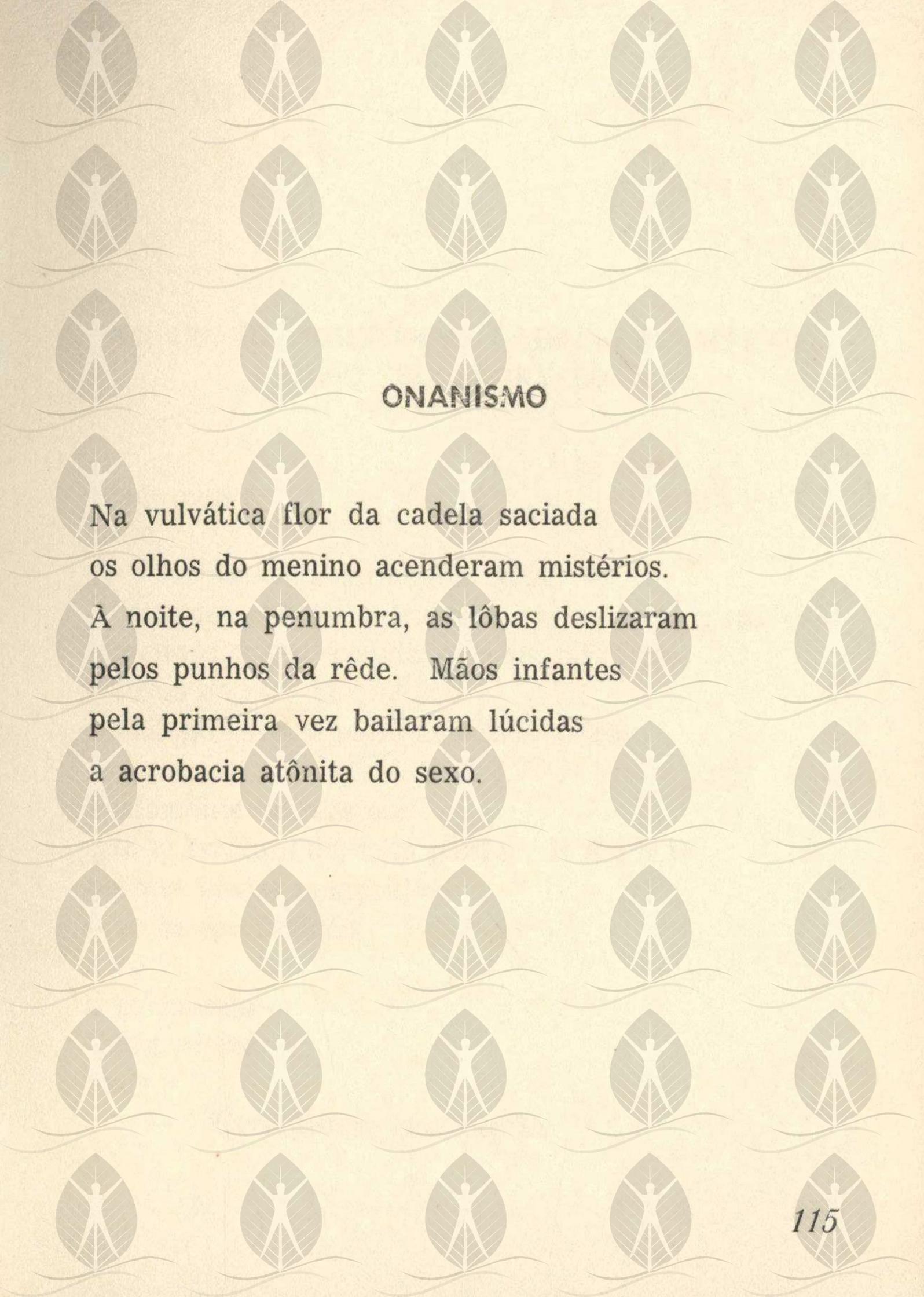
o galo canta;

e do esporão, a flor do tédio

abre súbito as sépalas cerúleas

para o pasto diário e pegajoso

das môscas da minha morte.



ONANISMO

Na vulvática flor da cadela saciada
os olhos do menino acenderam mistérios.

À noite, na penumbra, as lôbas deslizaram
pelos punhos da rêde. Mãos infantis
pela primeira vez bailaram lúcidas
a acrobacia atônita do sexo.

AO IRMÃO AGOSTINHO CABALLERO MARTIN,
NO SEU REGRESSO

Como vieste,
fôste,

Cavalgando uma estrêla.

A mesma que nos mandavas buscar pelo crupúsculo
quando a noite acendia os seus mistérios
e urdia na pele do silêncio

o diálogo entre o pátio e os teus anjos,
os mesmos,
exatamente os mesmos,

que te levaram de volta para o **R E I N O**
porque havias cumprido
e te havias bastado,
a ti,

e ao mundo.

Como vieste,
fôste,

Cavalgando uma estrêla.

A mesma,
exatamente a mesma,
que não achávamos nunca
porque o mundo vendava os nossos olhos
e não sabíamos,
que ela estava no pátio e não no céu.

Como vieste,
fôste,

Cavalgando uma estrêla

Agora sim,
será certo e tranqüilo procurá-la
nos rebanhos do azul pelo infinito.

BALADA, QUASE ACALANTO, PARA CINDY,
MEU CÃO

Súbito,
a agulha sob a pele tenra
traçou-te a rota do aniquilamento.

C

A

Í

D

O

tua cauda continuou no ar de pranto
muito mais que humana geometria
de puro amor e de devotamento.

Teu pobre olhar já feito de crepúsculos
tentava ainda, para não magoar-me,
acender esperanças irreais

muito embora soubesses que eu sabia
que não levantarias nunca mais.

Súbito,
(como disse Vinícius) de repente

não mais que de repente
dormiste. E te tatuaste no silêncio enorme
que desabou do céu, subiu do chão
e riscou latitudes ignotas
de desespero e lágrima, horror e espanto
no instante cinza da separação.

CINDY.

CÃO — Quadrúpede doméstico (Dicionário Comple-
mentar da Língua Portuguêsa : Augusto Moreno).

CINDY.

COMPANHEIRO. IRMÃO.

(Dicionário de afeto do meu coração).

POEMA PROFÉTICO

*“Em verdade vos digo que não ficará aqui
pedra sôbre pedra — Porquanto se levantará
Nação contra Nação, Reino contra Reino —
Porque é necessário assim acontecer; mas
não é o fim”.*

Mateus, cap. 24 — vs. 2, 6 e 7.

DIGO

que todos tecerão andaimes de amargura
na pele em chamas do momento exato;
que a ROSA,
por um instante não será,
mas sim vesúvio lúcido de ódio
eruptando rotas de loucura

DIGO

que os hipogrifos pastarão a aurora

violentando o rubi da madrugada
e os seus cascos virão sôbre os canteiros
como chuvas de espanto despencadas;
que os corvos,
na estrêla incendiada dos pontos cardeais
voejarão crepúsculos putrefatos
e gralharão canções de nunca mais

DIGO

que as mãos serão crispadas como cardos
nas caatingas da alucinação
e no minuto urdido em seta e fogo
ao homem não será dado o direito
de descobrir no homem seu irmão

DIGO

que as latitudes riscarão roteiros
de tíbias e sarcófagos violados,
que os muros,
hão de subir do chão, descer do céu
como painéis da morte ensangüentados

DIGO

que arderão os escudos e as bandeiras
como sóis de loucura e desencanto
e dos lábios será banido o riso
e nos olhos
o ódio decretará horror e pranto

DIGO

que a ninguém será dado distinguir

o amor do crime, o justo do culpado,
e nos campos, nos prados, nos trigais,
o homem que desde o início planta escombros
colherá suas messes de punhais

DIGO

que os mortos que tombaram vitimados
pelo abandono e a fome e a opressão
virão cobrar da tumba dos milênios
seus tributos de sangue e maldição;
que a CRUZ,
terá gumes de espada e sulcará
na carne gasta a nova sementeira
que ainda dorme na história em noite escura
MAS SOBRETUDO

DIGO

que após será o SILÊNCIO.
Um silêncio de Gênesis, profundo,
com a beleza do nada misterioso
se fazendo

MUNDO
MAS MUNDO MUNDO
NÃO OBRA PRIMA
NEM RIMA

MUNDO
NUVEM ESTRÉLA FONTE FLOR
HOMEM OLHANDO O HOMEM E VENDENDO

HOMEM
NEM SÁBIO NEM ARTISTA
NEM SALVO NEM PAGÃO

HOMEM
PURA SIMPLES AMADA CONDIÇÃO
HOMEM CASA HOMEM CAMPO
HOMEM RISO DE CHEGADA
HOMEM TRIGO SE ALOIRANDO
HOMEM MÃOS ENTRELAÇADAS
HOMEM SONO NA VARANDA
HOMEM CANÇÃO DE CIRANDA
HOMEM BERÇO HOMEM TÚMULO
HOMEM SAL HOMEM FERMENTO
HOMEM MÚSCULO PENSAMENTO
NA MESA POSTA E NO PÃO
HOMEM HOMEM

IRMÃO.



*Esta obra foi executada nas oficinas da Editôra
Sergio Cardoso — Rua Joaquim Sarmiento, 78
Manaus — Amazonas.*

1967

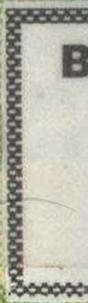
ças angústias. E sofre. E vibra. E desabrocha em beleza imperecível. É a mais autêntica voz poética já nascida nesta terra. Dificilmente outro surgirá tão trágico e tão puro.

É, pelo fôlego torrencial e pela intensidade vibrante da expressão que tudo carrega, desde os entusiasmos fugazes às emoções mais profundas, desde as atitudes formais à dolorosa consciência da dignidade humana, o maior dos líricos desta gleba e desta hora. Cujas poesias, "enroscando as estrofes como rênhos", é o Cristo expulsando a vergastadas do Sagrado Templo da Vida os vendilhões e os hipócritas.

Revelada tardiamente ao público brasileiro, ela é, no entanto, capaz da mais discreta e comovida contenção. Surge, nas suas virtudes admiráveis e nos seus defeitos de excessiva enumeração apostrofada e paralelística, de marcada acentuação bíblica, qual dramática enervada de cinismo e de fé, de sensibilidade e de rebelião; de amoralismo e de delicado pudor, na qual perpassa uma esperança anárquica constantemente dividida entre um fraterno sentimentalismo e uma solidão compartilhada. Mas, da caótica desordem das emoções, represadas pela métrica e suavizadas pela rima, e do orgulhoso descuido, tão hábil, destes poemas ficará uma atmosfera de exaltação poética vigorosa e autêntica, de uma segurança e de uma força exemplares, expressa com perfeita simplicidade na última das palavras deste livro: IRMÃO.

Luiz Vazcelar

empreendimento editorial de
U. B. E. do Amazonas
e
Editôra Sérgio Cardoso





AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA